Hospital de Beja, sobrelotado, transferiu doentes para Estrutura de Apoio de Retaguarda na Base Aérea

Mais de seis mil pessoas já foram vacinadas no Baixo Alentejo contra a covid-19

Surtos em vários lares de Beja representam um terço dos casos ativos no concelho | 5

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
5 FEVEREIRO 2021
Diretor: Luís Godinho
Ano LXXXIX, N.º 2024 (II Série)
Preço: € 1,00

GONÇALO FIGUEIREDO

crise

Obrigados a fechar portas, restaurantes viraram-se para o 'take-away'. Mas os encargos continuam a ser muito superiores às receitas | 6/7

Os 30 por cento de André Ventura em Moura vistos por autarcas do concelho | 4

Falta de trabalho provocada pela covid-19 deixa imigrantes em dificuldades | 8

Nelson Brito: "Precisamos de reforçar as redes de acessibilidades" | 11

EDITORIAL

Vacinas

Não sei se serão 340 casos de "golpe nas vacinas", como afirmava esta semana um tabloide de Lisboa. Poderão ser mais. Talvez sejam menos. Em qualquer das circunstâncias, um único caso que fosse, seria criticável por tudo o que representa de mesquinho relativamente ao modo como alguém se comporta em sociedade, fazendo batota para passar à frente de cidadãos prioritários no que à vacinação contra a covid-19 diz respeito. Não é gente amoral que o faz. É gente imoral. E que, por isso, deve ser perseguida pela justiça e condenada na praça pública. Não podemos meter tudo no mesmo saco. O caso do padre, presidente do Centro Social e Paroquial de Alfena (Valongo), da mãe do padre e da costureira da instituição, que "beneficiou do facto de haver sobra de vacinas", terem recebido a vacina contra a covid-19 será, talvez, o caso mais evidente do tradicional "chico-espertismo" à portuguesa. Mas houve outros presidentes de lares e de centros sociais a fazerem o mesmo, ainda que as prioridades para esta primeira fase de vacinação fossem apenas os residentes e profissionais em lares e unidades de cuidados continuados, profissionais de saúde, profissionais das forças armadas, forças de segurança e serviços considerados "críticos". Tem havido abusos. E contra eles nada melhor que o anúncio feito pela Procuradoria-Geral da República de estar a investigar casos de suspeitas de vacinação fraudulenta, "desde logo os respeitantes à Segurança Social de Setúbal, ao Instituto Nacional de Emergência Médica de Lisboa, ao INEM do Porto e a factos também noticiados ocorridos em Portimão, Vila Nova de Famalicão, Arcos de Valdevez, Bragança, Seixal e Montijo". Ou outros que, entretanto, tenham surgido. É o que se exige do Ministério Público. O comportamento dos cidadãos, em particular daqueles que têm maiores responsabilidades, poderia ser diferente? Poderia. Mas casos idênticos, é bom sublinhá-lo, não ocorrem apenas em Portugal. Até o "insuspeito" Canadá tem registo de abusos, como o noticiado pelo jornal britânico "The Guardian", segundo o qual um casal de multimilionários voou em segredo para a comunidade indígena de Yukon para conseguir receber indevidamente a vacina contra a covid-19. Claro que no Canadá, ao contrário do que sucede em Portugal, o casal já foi notificado para se apresentar em tribunal no próximo dia 4 de maio, arriscando uma pena de seis meses de prisão. Sendo (talvez) inevitáveis estes casos – mais evitável seria a barafunda que Ferro Rodrigues conseguiu fazer com a vacinação dos deputados – parece evidente que o país, de um modo geral, e graças à competência de Francisco Ramos (que esta semana se demitiu), tem conseguido cumprir o plano de vacinação contra a covid-19. Todos os idosos residentes em lares estarão vacinados por esta altura, faltando apenas chegar a "alguns lares ilegais em que ainda não foi possível estabelecer o contacto". Este foi um importante primeiro passo, na medida em que os surtos mais graves de covid-19 têm ocorrido em lares, e em que 87 por cento das vítimas mortais têm mais de 70 anos. **LUÍS GODINHO**

"Tem havido abusos. E contra eles nada melhor que o anúncio feito pela Procuradoria-Geral da República de estar a investigar casos de suspeitas de vacinação fraudulenta".

EM DESTAQUE

"A comunidade cigana está contra André Ventura porque ele diz que o problema de Portugal são os ciganos, mas está errado. No povo cigano, como em tudo, há pessoas boas e pessoas más".

Prudêncio Canhoto presidente da Associação de Mediadores Ciganos de Portugal (AMEC)

Página 4

Vinhos alentejanos de topo: entre o clássico e o moderno

tintos

MUSEU DA RURALIDADE PUBLICA LIVROS INFANTIS

Página 32

3 PERGUNTAS A...

FELISMINA MENDES

DIRETORA DA ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE SÃO JOÃO DE DEUS DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Estudantes das licenciaturas em Enfermagem e em Psicologia da Universidade de Évora (UÉ) estão a acompanhar diariamente, através de chamada telefónica, as pessoas, na região, infetadas por covid-19 e/ou em isolamento profilático. Qual a importância deste reforço na vigilância da doença?

Face ao aumento do número de pessoas com infeção por covid-19, nas últimas semanas em Portugal, foi criado o Centro de Rastreio de Contatos de Pessoas com covid-19 da UÉ em restrita colaboração com a Administração Regional de Saúde do Alentejo. Estes contatos, com todas as pessoas infetadas por covid-19, desta região, é feito em menos de 24 horas, o que os tornam um extraordinário recurso para a diminuição dos contágios locais, ao mesmo tempo que humaniza o acompanhamento das pessoas e lhes mostra que têm quem se preocupe com a sua situação. Nestes contatos são fornecidas indicações sobre os cuidados a ter, sobre os sinais de agravamento da doença e é feito, ainda, o encaminhamento para o seu médico assistente. Tudo ocorre no mais curto espaço de tempo possível, com os estudantes a efetuarem, numa semana, cerca de mil contatos telefónicos.

De que forma encaram os estudantes a sua participação nesta ação de voluntariado?

O sentimento que nos têm transmitido é o de grande valorização dos conhecimentos apreendidos no seu percurso na UÉ, em prol do apoio à situação de saúde das pessoas com covid-19. Até ao dia 31 de janeiro, os estudantes tinham realizado 932 contatos telefónicos, abrangendo, com esta medida de apoio, 1 850 pessoas, nos agregados familiares. É um facto que os estudantes se mostraram apreensivos numa primeira abordagem, mas sempre demonstrando disponibilidade total. Esta colaboração tem representado, para eles, uma experiência desafiante, na qual se empenharam totalmente. Passada uma semana, o resultado do seu trabalho começou a ser visível, com o número de doentes à espera de contacto a diminuir consideravelmente. Isto motivou-os, ainda mais, para continuarem esta colaboração voluntária. Sentiram que o seu trabalho estava a ser eficaz e os feedbacks obtidos nos telefonemas reforçaram a convicção da importância dos contactos com as pessoas, para atenuar dúvidas, medos e angústias.

Considera que esta iniciativa, altruísta, deverá ser replicada por outras instituições de ensino superior, no âmbito do combate à pandemia?

Com este projeto operacionaliza-se, por parte da UÉ, a clara noção de intervenção na sociedade, com recurso ao conhecimento científico desenvolvido pelos seus docentes, investigadores e estudantes, possibilitando a cedência formal desse conhecimento às populações. As universidades têm também por missão a conversão da ciência em competências concretas e o habilitar ao exercício de funções e atividades técnicas os seus estudantes, tornando-os agentes de educação, de divulgação e de implementação de medidas na comunidade social. **JOSÉ SERRANO**

IPSIS VERBIS

"Entrámos no ano de eleições autárquicas e começa (para o bem e para o mal) a já esperada agitação: nomes, movimentações e manobras, expectativas, jogos e jogadas. Tudo, menos o que é mais importante: a discussão aberta e alargada das ideias".

Jorge Pulido Valente técnico superior da Câmara de Mértola

BLOGUE ESTADO DE BARRANCOS

FOTO DA SEMANA

O Governo determinou a reposição do controlo nas fronteiras com Espanha, no âmbito da renovação de estado de emergência, em vigor desde o passado domingo, dia 31 de janeiro, até ao final do dia 14 de fevereiro. Esta medida, semelhante à adotada em março do ano passado, limita a circulação entre Portugal e Espanha, permitindo, apenas, a passagem a trabalhadores transfronteiriços, ao transporte de carga e correio, bem como, a veículos de emergência e socorro e, ainda, para fins humanitários. Em todo o país, existem oito pontos de passagem abertos 24 horas, sendo três no Alentejo: Vila Verde de Ficalho, Marvão e Caia (Elvas). A fronteira de Barrancos (na foto) apenas permanece aberta nos dias úteis, entre as 07:00 e as 09:00 horas e entre as 18:00 às 20:00 horas.

Semanada

SEGUNDA-FEIRA, 1

UM MORTO E DOIS FERIDOS EM DESPISTE

Um homem morreu e outros dois ficaram feridos na sequência do despiste de uma carrinha de nove lugares, ocorrido na Estrada Nacional 258-1, entre Vila Ruiva e Cuba. Fonte da GNR adiantou que a vítima mortal e os dois feridos têm idades entre os 41 e os 44 anos e que os três são estrangeiros, dois romenos e um moldavo. Os três homens eram os únicos ocupantes da carrinha e o óbito foi declarado no local do acidente. Já os feridos, um considerado grave e outro ligeiro, foram transportados para as urgências do hospital de Beja, referiu a fonte do CDOS de Beja. As operações de socorro mobilizaram os Bombeiros de Cuba e de Alvito, a GNR e o Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), num total de 20 operacionais, apoiados por seis veículos e um helicóptero.

TERÇA-FEIRA, 2

INCÊNDIO EM BEJA DEIXA TRÊS PESSOAS DESALOJADAS

Três pessoas ficaram desalojadas na sequência de um incêndio na habitação onde viviam, situada no Largo do Salvador, União de freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira, em Beja. O alerta foi dado pelas 3:30 horas. "Uma das três pessoas foi assistida no local, mas não foi necessário transportar ao hospital", disse fonte do Comando Distrital de Operações de Socorro de Beja. Cerca das 06:00 horas, o fogo, cujas causas são ainda desconhecidas, já estava em fase de rescaldo. As chamas foram combatidas por 22 operacionais, com o apoio de 12 veículos.

CARTAS AO DIRETOR

MUDAR?

JÚLIO SILVA MÉRTOLA

Nestes últimos meses ficou bem clara a importância do sistema educativo de um país. Ficou também bem clara a importância de saber, de saber para intervir, de saber para distinguir, de saber para opinar, de saber para reivindicar, de saber para condicionar. Sem isto, as próximas gerações serão como um exército de soldadinhos de chumbo programados pelas redes sociais, pelos meios de comunicação social e pela vontade de meia dúzia de vontades corporativas. Acresce referir que se junta a esta realidade o facto de a nossa democracia precisar urgentemente de uma terapia de choque. Urge dar corpo a uma nova geração de políticos livres e íntegros, com poucos vícios, com uma carreira com passado, sem grandes grilhetas partidárias, sem agendas ocultas e com um único objetivo: servir o povo. O mais curioso e paradoxal é que nunca as sociedades precisaram tanto dos políticos como hoje. E nunca os políticos falharam de forma tão clamorosa. Sucedem-se os casos. As hipérboles. As narrativas. A distorção adaptativa da realidade, a opacidade e, às vezes, a novela napolitana. O motor da democracia será sempre a participação. Solicitada, cultivada e aceite. Uma opinião racional, coerente e baseada em factos...será sempre legítima. Goste-se, ou não. As melhores armas de um bom democrata serão sempre a introspeção, o questionamento e a tolerância. Sem receio. E com vontade. E o oposto terá sempre como desfecho a autofagia. A democracia não falhou. Falhou apenas a capacidade de a respeitar. O homem será sempre o pai e o padrasto da utopia.

NOVO FECHO DE FRONTEIRAS

FREDERICO LOBO GAMA ELVAS

Há oficialmente, desde 31 de janeiro de 2021, oito postos fronteiriços "maiores" entre Portugal e Espanha, abertos 24 horas por dia, onde passa a haver controlo de fronteiras. Basta consultar a lista. Existem ainda algumas fronteiras "menores" (se é que esta expressão se adequa), como tal assinalados em mapas, só abertas parcialmente, em dias de semana. De certa forma, têm valor local. Seja qual for a sua dimensão, são, em termos oficiais, postos de fronteira, juntas a pontos onde esta existe internacionalmente. Mas há um ponto que, sendo de passagem, não é fronteira nem consta dos ditos postos "maiores" ou "menores", mas sempre oficiais. Trata-se da Ponte da Ajuda, sobre o Rio Guadiana, entre Elvas e Olivença. Para Portugal, ponto de passagem entre municípios. Para Espanha, fronteira internacional. Na primeira fase da pandemia, blocos de betão cortaram-na. Como se sabe, Portugal não reconhece Olivença como legalmente parte de Espanha, ao ponto de conceder a nacionalidade portuguesa aos oliventinos (em poucos anos, quase mil oliventinos adquiriram essa nacionalidade, tendo já votado nas últimas eleições legislativas), e daí a omissão desta ponte em qualquer lista. Curiosa foi, por manifesta ignorância, a atitude de órgãos de comunicação social, com imagens e fotografias da ponte cortada como símbolo do corte de fronteiras luso-espanholas… no único sítio onde Portugal não aceita que ela exista. Até uma instituição oficial caiu nesse erro. Talvez se tenha aprendido algo. Agora, o silêncio, a nível informativo parece ser total. E, tendo-se interditado o trânsito na Ponte da Ajuda, já não se colocaram blocos de betão. Tudo está a ser feito muito discretamente".

ATUAL

“As pessoas acreditam que anda meio povo a trabalhar para outro meio”

Presidentes das juntas de freguesia do concelho de Moura, onde André Ventura ganhou as presidenciais, explicam resultado do candidato da extrema-direita

Não foram mais de 400 os votos que, em Moura, separaram Marcelo Rebelo de Sousa (39,12 por cento) do candidato da extrema-direita. André Ventura (30,85 por cento) foi mesmo o mais votado em duas freguesias do concelho, nas últimas presidenciais.

TEXTO **MARTA LOURO**

Feitas as contas, Ventura obteve no concelho de Moura um resultado três vezes superior à média nacional. E nas freguesias de Póvoa de São Miguel e Sobral da Adiça foi o candidato que recolheu mais votos. Na Póvoa votam 329 pessoas, 134 das quais optaram por Ventura (41,2 por cento). Em Sobral da Adiça, dos 334 eleitores que exerceram o direito de voto, 111 escolheram o candidato que é também o presidente Chega (34 por cento). Nos dois casos, Marcelo ficou em segundo. E Ana Gomes em terceiro.

Presidente da Junta de Freguesia de Povoa de São Miguel, António Montezo diz que estes resultados podem ser explicados de várias maneiras. “A primeira está relacionada com o movimento de extrema-direita que já anda na Europa há vários anos e mais cedo ou mais tarde tinha de chegar a Portugal, como chegou. O segundo motivo pode ser justificado com o descontentamento, por parte das populações do interior, relativamente a algumas situações”.

“Por exemplo”, prossegue, “as pessoas de etnia cigana, que estão sediados no Alentejo há várias décadas, são um problema que aflige muita gente, mas isso não é de agora”.

Enquanto autarca daquela freguesia, António Montezo diz “não discriminar ninguém, nem tratar ninguém de forma diferente”. Em seu entender, o que acontece é que “de facto existe algum antagonismo de parte a parte”, isto é, as pessoas de etnia cigana “muitas vezes sentem-se desprezadas e abandonadas e a outra parte da população diz o contrário. Defendem que as pessoas de etnia cigana deviam trabalhar, e não trabalham, e, no entanto, estão a receber o Rendimento Social de Inserção (RSI). Estas situações, por si só, geram algum tipo de conflito de ideias e de comportamentos. O nosso papel é tentar apaziguar e tentar que a vida do dia-a-dia corra dentro do melhor possível”.

D.R.

“CONSEGUIU ILUDIR UMA BOA PARTE DOS ELEITORES”

Presidente da Associação de Mediadores Ciganos de Portugal (AMEC), Prudêncio Canhoto não tem dúvidas em explicar que muitos votos em André Ventura resultam de pura discriminação: “Votaram nele porque o partido está contra os ciganos. Ele diz que o problema de Portugal são os ciganos, mas está errado. No povo cigano, como em tudo na vida, há pessoas boas e pessoas más”. Prudência Canhoto acusa o candidato e presidente (agora demissionário) do Chega de ter conseguido “iludir uma boa parte” dos eleitores. “Foi por isso que votaram nele e não nos seus partidos de uma vida inteira”. O presidente da AMEC denuncia ainda a “mentira”, muitas vezes veiculada pela extrema-direita, segundo a qual as pessoas de etnia cigana são as grandes beneficiárias do rendimento social de inserção (quando, na verdade, correspondem apenas a 3,5 por cento do total de beneficiários): “Somos discriminados porque há quem pense que temos muito dinheiro e não fazemos nada da vida, mas é mentira. Há pessoas a passar fome, apesar de receberem o RSI, que é uma miséria, pessoas que chegam ao final do mês a passar muitas dificuldades”.

Eleito em 2017 pelo PS com maioria absoluta (56,3 por cento), o autarca admite ter existido uma “transferência de votos nítida do PSD para o Chega”, mas a maior novidade, garante, “foi a transferência de votos da CDU para o partido da extrema-direita. Essa foi a parte mais admirável e surpreendente, mas vamos ver o que vai acontecer no futuro. É possível que estes resultados obtidos nas presidenciais tenham algum impacto nas próximas eleições autárquicas, mas não sei até que ponto será assim tão forte”.

Eleito pela CDU, também ele com maioria absoluta (59 por cento), o presidente da Junta de Freguesia de Sobral da Adiça, Bruno Monteiro, explica a votação em André Ventura com “a campanha de desinformação do próprio candidato, que faz passar uma mensagem que não é verdadeira e ilude as pessoas. É uma mensagem racista, xenófoba e que faz com que as pessoas acreditem que anda meio povo a trabalhar para outro meio”.

Segundo o autarca, a localidade tem uma comunidade cigana “muito significativa”, comunidade essa que “está integrada e que muitas vezes em época de apanha de azeitona acaba por trabalhar com os restantes trabalhadores”. Em seu entender, esse “foi um fator fundamental para que a população fosse embandeirar nas propostas” do candidato da extrema-direita.

Bruno Monteiro considera que a nível de eleições autárquicas, um partido como o Chega terá pouca expressão na freguesia de Sobral da Adiça, porque as pessoas “não votam pelo partido, mas sim pelo candidato. Não quer dizer que não aconteça, mas não acredito que o Chega consiga chegar às próximas eleições e fazer uma lista nesta freguesia”.

“ESTAMOS ESQUECIDOS” Em Safara e Santo Aleixo da Restauração, onde Marcelo Rebelo de Sousa ganhou as presidenciais com apenas 28 votos de diferença em relação a André Ventura, o presidente da Junta de Freguesia, Francisco Parra, diz que muitos eleitores aproveitaram as eleições para fazerem “um voto de protesto”. E explica: “Estamos um bocadinho esquecidos, ninguém olha por nós. Possivelmente as pessoas pensaram que assim seria uma forma de termos visibilidade”.

Eleito pelo PS em 2017 (57,6 por cento), o autarca diz que “a população se sente insegura e que as pessoas de etnia cigana consideram que o voto no Chega foi um voto contra eles, e possivelmente, alguns cidadãos terão tido mesmo esse motivo”.

Em seu entender, para as autárquicas, “não é qualquer pessoa que tem coragem para se candidatar pelo Chega numa terra pequena. A nível nacional é mais fácil, a nível local penso que é um bocadinho complicado encontrar candidatos, mas isso é um problema do partido”.

A zona industrial de Aljustrel foi o local escolhido pela Epiroc, uma empresa fundada na Suécia, para a instalação de uma oficina direcionada para a reparação de veículos de exploração mineira, num terreno com uma área de quase nove mil metros quadrados. A Câmara de Aljustrel frisa, em comunicado, a sua satisfação pela "preferência desta empresa de dimensão mundial por este território, uma vez que, o seu estabelecimento irá contribuir para o reforço do tecido empresarial e para a criação de emprego".

Mais de seis mil pessoas vacinadas no Baixo Alentejo contra a covid-19

Vacinação nos centros de saúde começa na próxima semana. Hospital de Beja transferiu utentes para estrutura de apoio instalada na base aérea

Até final do mês de janeiro foram administradas, no Baixo Alentejo, mais de seis mil vacinas contra a covid-19 a grupos prioritários, designadamente a pessoas residentes em lares e internadas em unidades de cuidados continuados e respetivos profissionais e a profissionais diretamente envolvidos na prestação de cuidados de saúde.

D.R.

Durante o mês de fevereiro, serão disponibilizadas as "segundas tomas" a estes grupos e iniciar-se-á a segunda fase de vacinação, abrangendo já bombeiros voluntários e forças de segurança. A vacinação nos centros de saúde deverá iniciar-se na próxima semana.

Apesar de esta semana ter sido marcada por uma diminuição da incidência de novos casos (há agora registo de cerca de 26 mil casos positivos e de mais de 720 mortes associadas à covid-19), o Alentejo, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, continua a ser uma região com "risco extremamente elevado" de contágio, com 1365 novas infeções por cada cem mil habitantes. "O Alentejo encontra-se numa situação de risco extremamente elevado desde o dia 12 de janeiro. A 18 de janeiro, o valor regional da taxa de incidência foi superado pelas sub-regiões Alentejo Central (1 663), Alto Alentejo (1 548) e Baixo Alentejo (1475)", acrescentou a mesma fonte.

A pressão sobre os hospitais continua elevada. Pelo menos duas das quatro unidades de cuidados intensivos (UCI) de covid-19 dos hospitais do Alentejo estão com 100 por cento de ocupação. Uma delas é o hospital de Beja, cuja UCI se encontra com ocupação plena desde, pelo menos, 4 de janeiro, data em que dispunha ainda de apenas metade das oito camas da capacidade atual. A situação na enfermaria covid-19 do hospital José Joaquim Fernandes, no entanto, aliviou um pouco nas últimas horas, após a transferência de cinco doentes para uma nova Estrutura de Apoio de Retaguarda na Base Aérea n.º 11 de Beja. O hospital, que já tinha cinco camas livres na enfermaria, ficou assim com 10 das 71 camas disponíveis.

O Hospital do Litoral Alentejano (HLA), no concelho de Santiago do Cacém, tem ocupadas todas as camas em enfermaria para doentes com covid-19, enquanto na Unidade de Cuidados Intensivos (UCI) se regista uma ocupação de 90 por cento. Fonte da Unidade Local de Saúde do Litoral Alentejano (Ulsla) indicou que as 58 camas de enfermaria destinadas a doentes infetados pelo novo coronavírus Sars-Cov-2 estão totalmente ocupadas, tendo sido necessário reforçar a unidade com mais três camas. A mesma fonte adiantou que, no total, estão internados 61 doentes na enfermaria covid, o que corresponde uma ocupação total daquela unidade.

DOENTES TRANSFERIDOS PARA A BASE AÉREA Como referido, o hospital de Beja iniciou a transferência de doentes covid-19 para a Estrutura de Apoio de Retaguarda na Base Aérea n.º 11. Fonte da Ulsba não soube precisar quantos doentes vão ser transferidos no total, mas adiantou que Estrutura de Apoio e Retaguarda está a ser "dimensionada para 20 camas", um número que "poderá ser aumentado" no futuro, em caso de necessidade. Os doentes transferidos são pessoas que "não têm critérios de internamento hospitalar", mas que, "por uma ou outra razão, não podem ficar em casa".de

Nesta Estrutura de Apoio e Retaguarda continuarão a ser acompanhados "pelo pessoal médico e de enfermagem da Ulsba". Para já, a base aérea só vai receber doentes oriundos do hospital José Joaquim Fernandes, mas a mesma fonte admitiu que, em função da "grande entreajuda entre as estruturas do Serviço Nacional de Saúde", possa vir a receber doentes de outras unidades.

SURTOS EM MOURA PROVOCAM 12 MORTES Dois surtos de covid-19 em lares do concelho de Moura já causaram 12 mortos e totalizam mais de metade dos casos ativos do concelho. No lar de São Francisco, da Santa Casa da Misericórdia de Moura, foi registada a morte de dois utentes e contabilizados 86 casos ativos, entre os quais 78 utentes e oito funcionários, precisou a mesma fonte. Já na estrutura residencial para idosos do Centro Social da Amareleja, perderam a vida 10 utentes desde que o surto foi detetado, no início de janeiro, mas ainda existem 45 casos ativos da doença, dos quais 23 utentes e 22 funcionários.

Só estas duas estruturas concentram 131 casos ativos, o que corresponde a mais de metade dos 234 casos reportados na quarta-feira pelo município no boletim epidemiológico. Apesar da extensão dos surtos, nenhum utente ou funcionário das duas estruturas está hospitalizado.

Em Moura, a equipa clínica do lar de São Francisco "tem controlado a situação", explicou fonte municipal, enquanto na Amareleja, o surto, que infetou um total de 86 pessoas, já estará "em fase de resolução", sem novos casos desde 26 de janeiro.

MISERICÓRDIA DE ALJUSTREL COM 49 INFETADOS O surto de covid-19 no lar da Santa Casa da Misericórdia de Aljustrel, registou mais oito infetados, num total de 49 pessoas, depois de nova testagem realizada a utentes e funcionários. Segundo o provedor da instituição, Manuel Frederico, com exceção de uma idosa que está internada no hospital de Beja, todos os utentes e funcionários "encontram-se bem", estando na sua maioria "assintomáticos ou apresentando apenas sintomas ligeiros". Este surto foi detetado após duas funcionárias terem testado positivo, no dia 15, durante os testes regulares semanais à covid-19 feitos aos funcionários da instituição.

Entretanto, a Câmara de Aljustrel atribuiu um "subsídio extraordinário" à Misericórdia para a contratação de uma equipa "composta por três profissionais", todos "com categoria profissional de cuidador", para auxiliar o lar. A estes juntam-se mais cinco funcionários da Cruz Vermelha Portuguesa, que estão no lar de Aljustrel por intermédio da Segurança Social, que a Misericórdia contactou "com o intuito de reforçar ainda mais" os seus meios humanos

SURTOS EM LARES DE BEJA

Os surtos de covid-19 em vários lares de Beja representam cerca de um terço dos casos ativos da doença no concelho, estimou o presidente da Câmara de Beja, Paulo Arsénio. "Temos tido a desagradável situação de surgirem muitos lares com surtos, que têm feito os números subir de forma significativa nas últimas três semanas, ao contrário de outros locais do país onde já começaram a baixar", sublinhou o autarca. A câmara municipal tem conhecimento da existência de surtos no Centro Paroquial e Social do Salvador, em Beja, no Lar da Quinta da Navarra, no Lar Joaquim Honório Raposo, na Salvada, e no Lar do Centro Paroquial de Nossa Senhora da Luz, em Albernoa, além de "alguns casos" no Lar do Patronato de Santo António, na sede de concelho, e da situação do Centro de Paralisia Cerebral. O caso mais preocupante, neste momento, é o de Albernoa, onde estão infetadas 58 pessoas, das quais 40 utentes e 18 funcionários. Situação semelhante é vivida no Lar da Quinta da Navarra, acerca do qual Paulo Arsénio sublinhou que não dispõe de dados oficiais, mas disse saber, "através de um telefonema", que estarão infetados todos os 43 utentes e pelo menos 14 funcionários, num total de 57 pessoas atingidas.

Durante o período de suspensão das atividades letivas decorrente das medidas excecionais no âmbito da pandemia de covid-19, a Câmara de Vidigueira continua a assegurar o fornecimento de refeições aos alunos de escalão A e B do Agrupamento de Escolas do Concelho de Vidigueira. A entrega das refeições é realizada pela autarquia em todo o concelho, no domicílio das crianças e jovens, através do projeto municipal "Estamos Cá Por Si".

Os restaurantes da cidade de Beja estão a passar por graves dificuldades, resultantes da pandemia da covid-19, que se arrasta no país há quase um ano. Com o novo confinamento, iniciado em meados de janeiro, a alternativa dos empresários foi o recurso ao 'lay-off' e a aposta nas vendas para fora.

Obrigados a fechar portas, restaurantes viraram-se para o 'take-away'. Mas os encargos continuam a ser muito superiores às receitas

crise

TEXTO **MARTA LOURO E BEATRIZ MATOS** FOTO **GONÇALO FIGUEIREDO**

Dono do café/ restaurante Dona Maria Deck, em Beja, Nelson Cigarro diz que os problemas dos empresários, em particular os do setor da restauração, se agravam de dia para dia. Ao primeiro confinamento em março e abril do ano passado seguiu-se a obrigatoriedade de um corte de 50 por cento na lotação dos espaços. Agora, é o novo confinamento que obrigou os restaurantes a fechar portas, permitindo apenas o funcionamento em regime de 'take away'.

"São tempos difíceis, mas temos de tentar fazer alguma coisa para salvaguardar os postos de trabalho. No meu caso, com 19 funcionários, a Segurança Social só me consegue pagar 70 por cento dos vencimentos, mas os outros 30 por cento são da minha responsabilidade, tal como os 11 por cento que tenho de pagar todos os meses à mesma entidade. Com tantos funcionários, mais despesas de água e de luz, é complicado. Vamos esperar pelos apoios que foram anunciados mas que ainda não chegaram. Vamos esperar e tentar levar a água a bom porto".

No ano passado, lembra Nelson Cigarro, a opção foi por fechar portas. Mas agora estratégia foi diferente: "Estamos a trabalhar em regime 'take away' e com entregas ao domicílio". Segundo o empresário, apesar de o serviço estar disponível todos os dias, funciona sobretudo ao fim de semana. "Optamos por só disponibilizar o menu com as 'pizzas', porque para funcionar com a carta toda tinha de ter, no mínimo, seis pessoas sempre a trabalhar. Isso é insuportável para aquilo que se fatura nestes dias". Ou seja, Dos 19 funcionários apenas três se mantêm a trabalhar. Os restantes foram colocados em 'lay-off'. E é o próprio Nelson Cigarro que se encarrega da distribuição: "Desloco-me tanto na cidade, como nas aldeias em redor, para facilitar as pessoas e também, para conseguir faturar mais alguma coisa. Fechei 2020 com tudo em dia, mas com um prejuízo de 50 a 60 mil euros".

"TENHO MEDO DE FAZER CONTAS" Proprietário do restaurante Frango à Guia, Rui Proença admite "não saber" qual é o dia que fecha as portas: "Tenho medo de fazer as contas, mas a continuar assim, manter a casa aberta até ao final do ano é muito complicado", salienta. "Tivemos de nos adaptar ao regime de 'take away', embora eu já trabalhasse nesse registo, e até tenha algum movimento, mas nada se compara com aquilo que era o habitual. As quebras são superiores a 70 por cento e o valor de faturação não chega para as despesas todas. Se até aqui tinha conseguido alguma estrutura, ela está a ser delapidada aos poucos".

Rui Proença teve de reinventar o negócio, reforçando a aposta no 'marketing' através das redes sociais. "Mais não podemos fazer. Já tive de dispensar dois funcionários, neste momento está a ser um grande esforço para manter os restantes cinco que já trabalham comigo há muito tempo".

No início da pandemia, em março do ano passado, o empresário investiu mais de cinco mil euros em diversas torres dispensadoras de gel desinfetante, separadores de mesas e numa máquina de nebulização. Retirou mesas. Reduziu a lotação. "Nessa altura valeu a pena porque tive clientes que se sentiam seguros. O problema disto tudo é que não fomos todos responsáveis a atender as pessoas. Se todos tivessem feito a sua parte, a evolução da pandemia teria sido diferente".

RECUPERAÇÃO SERÁ DIFÍCIL "Estamos todos numa situação complicada", admite Jorge Serrano, dono da cafetaria, que também serve refeições, Miminho Doce. "Fechar a porta não é nada bom, mas estar parado e sem trabalho ainda é muito pior". No seu caso, assegura, não se justifica o regime de vendas para fora pois o negócio não assenta tanto das refeições como na cafetaria. "Não está nos planos fechar a porta. Estou preparado para aguentar um mês ou dois, mas depois a recuperação vai ser difícil".

À semelhança destes estabelecimentos, também no restaurante A Esquina se luta pela sobrevivência pois "baixar os braços não está nos planos", como diz a proprietária. "A sorte é que o gosto pelo que se faz tem falado mais alto, porque há dias que apetece deixar de

A Câmara de Castro Verde decidiu estabelecer um acordo de ajuda alimentar com o Banco Alimentar Contra a Fome. O acordo contempla a disponibilização gratuita de produtos alimentares à Loja Social de Castro Verde, que os distribuirá de acordo com as necessidades identificadas junto dos agregados familiares em situação de vulnerabilidade.

Da mercearia à horta biológica, a aposta dos empresários no 'online'

Serviço de entrega ao domicílio não se reduz ao setor da restauração

lutar". Segundo Maria de Jesus, a empresa tem conseguido "aguentar todos os postos de trabalho", prevendo que duas pessoas possam vir a entrar em 'lay-off', uma a tempo total, outra parcial.

Para manter a casa de pé, a proprietária confessa que, desde o início da pandemia, as paragens têm sido quase nulas: "Trabalhei durante um ano, com apenas cinco dias de folga. Fechei no dia de Natal e tive de encerrar quatro dias para ir a dois funerais de familiares", diz.

"Estou a esgotar todos os meus recursos e quero acreditar que não será preciso fechar portas, mas não descarto essa hipótese. A casa não é minha tenho de pagar renda, quando eu não conseguir ver nenhum horizonte terei de fechar. Não posso fazer dívidas para depois não as conseguir pagar".

PLATAFORMAS DE DISTRIBUIÇÃO O crescimento da entrega de refeições ao domicílio impulsionou as plataformas de distribuição. Beja já contava com a presença da comidas.pt, uma empresa nacional de entrega de comida ao domicílio. Desde final do ano passado também a Uber Eats começou a operar na cidade.

"Não tem havido muito procura. No geral, sem pandemia, a procura já não era fácil para negócios pequenos na mesma aérea. Agora, devido ao preço adicional das entregas, diminuiu ainda mais", conta Paulo Paixão, proprietário do Lica Street Food, em Beja, que abriu depois de finalizar o curso de hotelaria. "É um negócio que atualmente, por si só, não chega para pagar as despesas, muito menos para compensar os prejuízos que foram provocados pela pandemia".

Paulo Paixão iniciou-se nesta atividade com a abertura do D. Lica. Depois, devido à sua proximidade às escolas de ensino superior, transformou o restaurante em 'snack-bar' – "havia mais procura por refeições rápidas, como tostas, hambúrgueres e bifanas" – a que se seguiram os serviços externos. Com o negócio a crescer, a empresa investiu em infraestruturas móveis (camião e 'roulotte') para servir eventos de maior dimensão, como concertos e festivais, surgindo assim o novo nome de Lica Street Food. A pandemia deitou por terra todo este tipo de eventos.

Exploração agrícola familiar em Brinches, o Monte das Texugueiras é um projeto que surgiu "como que por acidente", conta o proprietário, António Almeida. Beneficiada pelo perímetro de rega de Alqueva, a exploração agrícola começou apenas como uma horta para autoconsumo, mas rapidamente se tornou num negócio de sucesso. "Por vezes tínhamos excedentes de produção, a partir dos quais fazíamos uns pequenos cabazes para oferecer aos amigos. Não demorou muito até que, da oferta de cabazes, surgisse a ideia da sua comercialização. Convictos dos benefícios das técnicas da agricultura biológica, trabalhámos desde logo para obter a sua certificação. Neste momento, e desde há quatro anos, somos os únicos produtores de hortícolas biológicos da região".

No início da pandemia, as medidas de contenção do vírus, nomeadamente o encerramento dos restaurantes, trouxeram grandes preocupações ao "Monte das Texugueiras", já que grande parte da sua produção se destina a estes estabelecimentos. Mas, contrariamente ao esperado, a empresa viu-se "inundada" com uma grande quantidade de encomendas, acabando por absorver toda a produção.

Em relação aos cabazes hortícolas biológicos, António Almeida revela que a procura atingiu "valores elevadíssimos" em março e abril de 2020, alguns clientes fidelizaram-se mas os outros, "como seria de prever", voltaram aos anteriores hábitos de consumo. As entregas ao domicílio não são um modelo novo para esta exploração agrícola que, desde 2013, disponibiliza o serviço de venda e entrega ao domicílio, ou até mesmo no emprego do cliente. Todas as semanas, o Monte das Texugueiras publica nas suas redes sociais uma lista com os produtos disponíveis, para que os clientes possam escolher e encomendar o seu cabaz, o qual é entregue na quarta-feira seguinte.

Também a Lavandaria Americana oferece serviços de recolha e entrega ao domicílio. A opção é feita gratuitamente e pode funcionar tanto em casa como no local de trabalho do cliente. As pessoas que procuram este serviço vêm de todas as faixas etárias, mas os idosos são aqueles que mais o solicitam. Também neste setor se verificou uma grande quebra na procura de serviços com a proibição de realização de casamento, batizados e festas e até mesmo com as novas regras impostas aos restaurantes, nomeadamente o facto de não poderem usar toalhas em tecido. Os proprietários, que já ofereciam este serviço antes da pandemia e que decidiram agora reforçar esta opção, confessam contudo que "não chega para compensar a quebra sofrida".

Na Mercearia Bejense as entregas ao domicílio são efetuadas de duas formas: pelos próprios e através da equipa do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Beja no âmbito do programa "Co(m)sigo". A ideia de recorrer a este tipo de serviço surgiu pensando, em particular, nos clientes mais idosos da mercearia, explica a proprietária: "Fomos contactados por filhas/os que estavam longe e queriam desesperadamente uma resposta para os familiares mas, caricatamente, os nossos clientes mais idosos continuaram a preferir vir à loja, para terem uma desculpa para arejar".

A Câmara de Beja disponibiliza na sua página 'online', uma secção dedicada ao takeaway/entregas ao domicílio, onde é possível consultar quais os estabelecimentos comerciais da região que aderiram a este serviço. Também a Câmara de Moura passou disponibilizar um novo portal na internet onde é possível consultar os restaurantes do concelho que se encontram a funcionar em regime de 'take-away'. Tendo por base o mote "Os nossos restaurantes em sua casa!", esta nova plataforma disponibiliza um motor de busca, mapa e informação específica sobre cada restaurante, como o dia de fecho, contactos e especialidades da casa.

A Câmara de Ourique anunciou a atribuição de 36 bolsas de estudo a alunos do concelho que frequentam o ensino superior, neste ano letivo, num investimento global de 30 mil euros. O município validou "30 das 36 candidaturas" às bolsas de estudo "submetidas a apreciação, por preencherem os requisitos de atribuição". As bolsas correspondem a um valor mensal de 100 euros (por aluno), durante os 10 meses do ano letivo 2020/2021, o que totaliza os 30 mil euros.

Falta de trabalho provocada pela covid-19 deixa imigrantes em dificuldades

Cáritas de Beja e Solim registam aumento dos pedidos de ajuda, sobretudo alimentar. Muitos imigrantes vivem em "casas sobrelotadas e em condições sub-humanas".

A pandemia da covid-19 está também a ter consequências na vida dos imigrantes, que até viam em Portugal a oportunidade para uma vida melhor. Os pedidos de ajuda às diversas instituições, como a Cáritas e a Solim, não param de aumentar.

D.R.

A Cáritas Diocesana de Beja dispõe de um Centro Local de Apoio à Integração de Migrantes (Claim) que tem como missão proporcionar aos migrantes respostas locais articuladas ao nível das suas necessidades de acolhimento e integração. O Claim, financiado pelo FAMI- Fundo Asilo, Migrações e Integrações, e pelo Alto Comissariado para as Migrações, visa dar resposta em diferentes áreas tais como: Regularização/nacionalidade, reagrupamento familiar, retorno voluntário, trabalho, saúde, educação/formação profissional, segurança social, apoio social e promoção da interculturalidade.

Segundo Teresa Martins, assistente social coordenadora da área das migrações da Cáritas Diocesana de Beja, "no ano de 2020 o CLAIM da CDB realizou 983 atendimentos, correspondendo a 790 homens e 193 mulheres". No ano passado, "foram registados 227 pedidos, que passam essencialmente por pedidos de apoio alimentar, económicos e de alojamento". Os imigrantes são maioritariamente provenientes do Senegal, Índia, Brasil e Guiné Bissau. "Na sua maioria, estes pedidos provêm de imigrantes que estão cá sozinhos, principalmente os africanos, os indianos e os brasileiros, mas já nos têm chegado pedidos de famílias que já estão a tentar integrar-se na nossa comunidade. Quando existem crianças nestes agregados familiares as necessidades são ainda mais acrescidas".

Teresa Martins considera "que o aumento destes pedidos surgiu na sequência da pandemia uma vez que muitos imigrantes ficaram privados de trabalhar, sendo que a maior parte trabalham na agricultura e têm contratos sazonais. Mesmo que nalguns casos tenham direito ao subsídio de desemprego é um procedimento que demora algum tempo e enquanto aguardam por este apoio, ficam desprotegidos".

Essas pessoas, acrescenta, vivem em "condições de habitabilidade que na maioria dos casos não são as mais adequadas, sendo que muitos imigrantes vivem em condições de habitabilidade precária, em casas sobrelotadas e em condições sub-humanas. A dificuldade em encontrar casas para arrendar a preços acessíveis e que disponham de boas condições de habitabilidade é um problema identificado e que apresenta uma grande preocupação no nosso serviço. Este é um assunto muitas vezes abordado junto das entidades competentes, nomeadamente com as autarquias, que poucos recursos têm para dar resposta a este problema".

Em relação às famílias, também apresentam muitas dificuldades em conseguir casas em boas condições, porque os valores das rendas são muito altos e não conseguem suportar esses valores, muitas vezes partilham apartamentos/casas com outras famílias, onde perdem muita da sua privacidade familiar.

Também a Solim – Solidariedade Imigrante, verificou um aumento no número de atendimentos. "Após 18 de março de 2020, o atendimento presencial foi substituído pelo virtual – Internet e sobretudo WhatsApp, uma ferramenta muito utilizada pelos imigrantes. Nestes 10 meses de pandemia já foram ultrapassados os 700 atendimentos, na maioria para completar processos de obtenção ou renovação de autorizações de residência".

Segundo Alberto Matos, presidente da delegação de Beja da Solim, "a palavra imigrante é um adjetivo, isto é, não somos uma associação de apoio ao imigrante, mas do próprio imigrante. A esmagadora maioria dos associados e dos corpos gerentes são imigrantes e isso faz toda a diferença. Há alguns portugueses de boa vontade que colaboram na associação, mas somos uma pequenísima minoria".

A associação tem atualmente 40 mil associados, de 98 nacionalidades. Inscritos na delegação de Beja estão 1450 imigrantes, de 35 nacionalidades. O número total de atendimentos multiplica pelo menos por 10 o número de sócios, rondará os 20 mil em quase 19 anos de atividade.

Na Solim, os imigrantes são maioritariamente originários da África Ocidental (Senegal, Guinés, Gâmbia, Mali, Costa do Marfim, Nigéria); Ásia (Índia, Paquistão, Nepal, Bangladesh), Leste Europeu (Moldávia, Ucrânia); e América Latina (Brasil, Venezuela, Argentina).

Os cidadãos procuram a associação "na sua larga maioria para a obtenção de autorização de residência, o primeiro patamar dos direitos de cidadania; seguem-se as questões laborais, com o encaminhamento de queixas à ACT e aos tribunais de trabalho, bem como à Segurança Social pela retenção das contribuições por entidades patronais".

No entanto, a "área de destaque tem sido a saúde, com a obtenção do número de utente, a sinalização e o acompanhamento de casos de covid-19 que, felizmente, não causaram mortes entre uma comunidade imigrante bastante jovem. "A prioridade hoje, também da comunidade imigrante, é vencer a pandemia sem deixar de trabalhar para obter e manter o estatuto legal. É fundamental ultrapassar as incertezas no futuro do SEF, garantindo o escrupuloso respeito pelos direitos humanos e recuperando atrasos de mais de um ano no setor administrativo. As vidas de quem produz riqueza e contribui para o país não podem ser consumidas numa precariedade permanente", diz Alberto Matos.

Apesar dos medos que a pandemia pode provocar, até ao momento, o desejo de regressar à terra natal é "raramente" demonstrado, "até porque "estamos a falar de camadas muito jovens – a maioria na casa dos 20 ou 30 anos – que querem construir um futuro, se possível chamar as famílias. Quem atravessou desertos e oceanos para chegar à Europa, desafiando a morte, não regressa à sua terra antes de alcançar objetivos. Ninguém quer sofrer a síndrome do imigrante falhado", conclui.

A Câmara de Odemira viu aprovado o novo projeto de voluntariado jovem internacional do município, com o tema "Regenerar Odemira", no âmbito do Corpo Europeu de Solidariedade. A partir de abril e durante um ano, seis jovens de vários países da Europa e seis jovens do concelho alentejano vão participar em projetos europeus, no âmbito desta iniciativa, a implementar em 2021 e 2022.

Agricultores preocupados com alterações climáticas

Projeto da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo quer envolver proprietários e municípios numa "correta gestão" ambiental

A ministra da Agricultura defendeu a necessidade de serem implementadas "mais práticas corretas de sustentabilidade de produção" no setor agrícola, apesar de este já ser dos mais preocupados "com os efeitos das alterações climáticas".

D.R.

"Se há setor que está preocupado com os efeitos das alterações climáticas é a agricultura, pois, vamos assistindo sistematicamente a fenómenos mais agressivos e mais rápidos, seja por via das chuvas, dos incêndios, da erosão ou de secas persistentes", argumentou Maria do Céu Antunes. Por isso, "temos necessidade de ter respostas efetivas" a este problema, acrescentou a ministra, que falava, esta tarde, na videoconferência de apresentação do projeto de combate às alterações climáticas "Viver o Clima no Baixo Alentejo".

A iniciativa é promovida pela Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (CIMBAL), com sede em Beja, em parceria com a Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva (EDIA). O projeto vai decorrer, nos próximos três anos, nos concelhos alentejanos de Aljustrel, Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo, Moura, Serpa e Vidigueira, todos abrangidos pelo Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva.

Representando um investimento na ordem dos 200 mil euros, a ação é comparticipada em 85 por cento pelo programa europeu EEA Grants, sendo os restantes 15 por cento, relativos à comparticipação nacional, assumidos pela EDIA. Segundo a ministra da Agricultura, o "Viver o Clima no Baixo Alentejo" surge numa altura em que a região tem "um conjunto de oportunidades que importa valorizar".

"Não só do ponto de vista da agricultura, mas também de todos os setores ligados, como é o caso do turismo e da transformação", sendo necessário existir uma "dimensão de desenvolvimento integrado entre ambiente, economia e as pessoas", argumentou.

Maria do Céu Antunes lembrou que o Governo lançou, em setembro do ano passado, a Agenda de Inovação "Terra Futura", plano estratégico a 10 anos em parte incluído no Plano de Recuperação e Resiliência. Nesta estratégia "queremos valorizar o desenvolvimento de cada região", através da promoção da economia circular, do combate às alterações climáticas e seus efeitos e da valorização das raças autóctones.

> **Todo o sul da Península Ibérica sente um impacto muito maior das alterações climáticas. Se não conseguirmos mitigá-las, diminuindo a sua intensidade, esta desertificação e erosão do território vai continuar por aí acima".**
>
> **JORGE ROSA**

Para a governante, "o desafio é muito grande", ainda mais porque Portugal assumiu internacionalmente o compromisso de atingir a neutralidade carbónica em 2050. "Sabemos que a agricultura, pese embora seja um contribuinte para a produção de gases com efeito de estufa, também é o primeiro sequestrador de carbono. Mas podemos e temos de ir mais longe".

A ministra defendeu, por isso, a implementação de "mais práticas corretas de sustentabilidade de produção", elogiando o trabalho feito pelo setor agrícola alentejano nessa área: "O Alentejo está preocupado e empenhado em criar soluções de sustentabilidade. E todos nós, ao falarmos de sustentabilidade, temos que incluir estas três dimensões: sustentabilidade ambiental, sustentabilidade económica e sustentabilidade social".

ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

O projeto integra o Plano Intermunicipal de Adaptação às Alterações Climáticas do Baixo Alentejo e vai decorrer ao longo do ano. Jorge Rosa, presidente da Cimbal, refere que entre as medidas previstas estão a recuperação e instalação de sebes, "de forma a proporcionar diversidade florística e faunística nos ecossistemas", assim como "envolver municípios e proprietários" numa "correta gestão, de forma a garantir a conservação de espécies ameaçadas de flora arvense e de matos".

Envolver os proprietários "na gestão do pousio de forma a garantir a conservação da espécie", restaurar e conservar os charcos para manter diversas espécies e restaurar as galerias ripícolas e áreas adjacentes, "com plantação plantas de espécies diferentes", são as outras ações previstas no projeto.

Segundo Jorge Rosa estas medidas apresentam "inúmeros benefícios ambientais, sociais e económicos", nomeadamente "porque atuam como sumidouros de carbono" e "melhoram a qualidade do ar e da água". No fundo, observou, "são ações muito operativas no terreno" e "um poderoso meio de combate às alterações climáticas", que "deve ser trabalhado diretamente nos territórios pelas entidades que lá estão". O autarca alerta que "todo o sul da Península Ibérica" sente "um impacto muito maior das alterações climáticas. Se não conseguirmos mitigá-las, diminuindo a sua intensidade, esta desertificação e erosão do território vai continuar por aí acima".

Na opinião de Jorge Rosa, com este tipo de projetos é possível tornar "o território e os habitats das espécies mais resilientes" às alterações climáticas, processo "que está em curso" mesmo que, por vezes, não seja muito notado. "Vamos passar a notá-lo muito mais, com muito mais intensidade, se não houver este tipo de ações que façam esta mitigação e prevenção", concluiu.

D.R.

CÂMARA DE CUBA LANÇA CONCURSO PARA ECOPARK

Está a decorrer o concurso público para adjudicação de construção do Ecopark do Alentejo Central na Barragem de Albergaria dos Fusos. O anúncio foi feito pelo presidente da Câmara de Cuba, João Português, segundo o qual o valor do preço-base do concurso é quase 592 mil euros, sendo o prazo de execução das obras de 150 dias. O projeto contempla a criação de uma praia fluvial e de um centro de apoio à prática de desportos náuticos, entre outros equipamentos. Segundo o autarca, o projeto "assenta na valorização do património natural e no desenvolvimento da oferta turística".

INCÊNDIO EM ALCÁCER DEIXA 10 DESALOJADOS

Dez pessoas ficaram desalojadas, na passada terça-feira, dia 2, na sequência de um incêndio no primeiro andar de um prédio em Alcácer do Sal. Entre os desalojados há duas crianças. O alerta foi dado pelas 20:30 horas. Um total de 12 operacionais foi mobilizado para o local, apoiado por sete viaturas, entre bombeiros e militares da GNR.

DARK SKY ALQUEVA CONQUISTA PRÉMIO

A Reserva Dark Sky Alqueva, o primeiro destino de astroturismo em Portugal, conquistou o prémio internacional Europe's Leading Tourist Destination. A importância dos destinos rurais e de natureza, "cuja base de trabalho assenta na sustentabilidade, já tinha saído reforçada em 2020, mas, face ao contexto atual, o seu papel é ainda mais fundamental para a retoma do turismo", refere a entidade gestora.

Morreu o ator António Cordeiro

Natural de Pias, foi vítima de doença rara

O ator António Cordeiro morreu no passado sábado, dia 30 de janeiro, em Lisboa, vítima de uma doença neurodegenerativa rara que o tinha afastado da atividade.

Nascido em Pias, em maio de 1959, formou-se em teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema e tornou-se conhecido do grande público como protagonista da série policial "Claxton", estreada na RTP em 1991. Além de dezenas de peças de teatro e de programas televisivos, trabalho no cinema, tendo integrado o elenco de diversos filmes de João Mário Grilo, como "O Processo do Rei" (1990), "Os Olhos da Ásia" (1996) e "Duas Mulheres" (2009).

Mais recentemente, fez "Índice Médio de Felicidade"(2017), de Joaquim Leitão, e "Um Gato, Um Chinês e o Meu Pai" (2019), de Paco R. Baños, depois de ter entrado em "Milagre de Lourdes" (2011), de Jean Sagols, e em diversas curtas-metragens.

Como encenador, António Cordeiro dirigiu "Perdi a mão em Spokane", de Martin McDonagh, que pôs em cena no Teatro Villaret, em 2012.

"Lembraremos em especial o seu detetive de 'Claxon', bem como todas as personagens que se pareciam muito com ele, idiossincráticas, autoirónicas e empáticas", lê-se na mensagem de condolências enviada à família e amigos do ator pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

Por sua vez, a ministra da Cultura destacou a "coragem" de António Cordeiro, característica que o levou a enfrentar a doença que, nos últimos anos, o incapacitou, considerando-o um "intérprete talentoso". Numa nota de pesar, Graça Fonseca recorda o percurso do ator e as suas muitas facetas. "Nos palcos e nos ecrãs construiu um legado de emoções, de sorrisos e de imaginação transformada em material autêntico, algo pelo qual sempre lhe seremos gratos". Lamentando "profundamente a morte do ator e autor", a ministra sublinha que António Cordeiro foi, "ao longo das últimas décadas, uma presença frequente e acarinhada, tanto pelo público português, como pelos seus colegas de profissão e por todos aqueles que com ele trabalharam e que nele reconheciam talento, mas, também, dedicação à profissão e uma simpatia inigualável".

PUB

AMNISTIA INTERNACIONAL

DOIS MINUTOS PARA OS **DIREITOS HUMANOS**

1. PORTUGAL

O agravamento da pandemia, que acentua os impactos negativos nos grupos mais vulneráveis, levou a Amnistia Internacional a reiterar a importância de ser criado um Comité de Monitorização de Direitos Humanos. Composto por peritos e representativo das comunidades em maior risco, tem como objetivo providenciar uma resposta célere e aconselhamento imediato às várias autoridades em relação ao impacto das decisões em curso ao nível dos direitos humanos.

2. MOÇAMBIQUE

A Amnistia Internacional, em conjunto com 30 organizações da sociedade civil, manifestou o desejo de o governo português e a União Europeia se envolverem na solução da crise humanitária que atinge Cabo Delgado. A existência de mais de meio milhão de deslocados internos e as condições em que vivem levaram à tomada de posição, numa altura em que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados proporciona assistência a menos de dez por cento destas pessoas.

3. BIELORRÚSSIA

Desde o início dos protestos de agosto, as autoridades admitiram ter recebido mais de 900 denúncias de abusos cometidos pela polícia, mas não iniciaram qualquer investigação criminal contra agentes. Em contrapartida, estão a ser abertos centenas de processos contra manifestantes pacíficos, muitos dos quais foram vítimas de tortura e maus-tratos. A comunidade internacional deve tomar medidas ativas para garantir justiça e a devida responsabilização.

4. EGITO

Prisioneiros de consciência e outros detidos por razões políticas estão a ser submetidos a tortura e condições desumanas pelas autoridades prisionais. A Amnistia Internacional denuncia ainda que, como forma de punição, os dissidentes não têm acesso a cuidados de saúde. Uma nova investigação documenta a experiência de 67 pessoas que estiveram, nos últimos anos, em três prisões femininas e 13 prisões masculinas. Dez morreram sob custódia e duas logo após a sua libertação, em 2019 e 2020.

5. VIETNAME

As autoridades devem acabar com o ataque implacável aos defensores de direitos humanos e a pessoas que exercem os seus direitos à liberdade de expressão, associação e reunião pacífica. Atualmente, a Amnistia Internacional reconhece 170 prisioneiros de consciência no país, sendo que 41 por cento estão atrás das grades devido a publicações que partilharam em espaços online. Cada vez mais, a introdução de mecanismos de censura através das plataformas Facebook e YouTube é uma realidade.

Junte-se a nós. Encontre o grupo mais perto de si em **www.amnistia.pt/grupos**

> "Temos tido a felicidade de aqui se instalarem investimentos privados que têm atraído novos habitantes (pessoas que recebemos de braços abertos), que criaram emprego e que originaram e redistribuíram riqueza".

"Precisamos, urgentemente, de reforçar as redes de acessibilidades"

Entrevista a Nelson Brito, presidente da Câmara Municipal de Aljustrel

TEXTO **JOSÉ SERRANO**

D.R.

O que se modificou no concelho de Aljustrel, desde a presidência camarária que iniciou em 2017?

O mandato iniciado em 2017 desenvolveu-se em linha com os dois mandatos anteriores. Aljustrel continuou a crescer e tornou-se um concelho de referência a nível regional e nacional. Aljustrel tem contribuído muito para a melhoria dos indicadores económicos da região. Por exemplo, em apenas cinco anos, passámos de 102,7 para 146,8 milhões de euros de exportações; em 308 concelhos, Aljustrel surgiu, recentemente, no 83.º lugar do mapa do poder de compra, a nível nacional. Este é o efeito prático da nossa estratégia no domínio do desenvolvimento económico, que não envolve apenas a câmara mas também um conjunto alargado de parceiros deste município, entre o sector público e o sector privado. Por parte do município, mantemos a visão de que a empregabilidade é um fator imprescindível, uma prioridade bem delineada desde o início do nosso mandato. Entendemos que é através do emprego, da sustentabilidade familiar, do "ganha-pão", que as pessoas criam garantias de qualidade de vida. Sendo este um concelho predominantemente mineiro – com a empresa mineira, sedeada em Aljustrel, a empregar diretamente mais de mil pessoas – e aliando esta característica a um próspero setor agrícola – que se desenvolveu muito, nos últimos anos, por via da chegada da água de Alqueva aos nossos campos –, o município tem apostado na diversificação da base económica de Aljustrel e das suas freguesias, nomeadamente com a atração de indústrias que criem emprego e distribuam riqueza.

Quais as "obras" que considera serem, até à data, as mais emblemáticas deste seu mandato?

Ainda que tenhamos concretizado obras físicas no valor de muitos milhões de euros, as obras de que mais nos orgulhamos são imateriais. Temos orgulho no espírito empreendedor, abnegado e solidário dos aljustrelenses, povo trabalhador e apegado à sua terra. Também nos orgulhamos de muitas concretizações materiais, na aceção de "obra" mais tradicional. E são muitas obras, a maioria cofinanciadas por fundos comunitários. Aljustrel é o município que, a nível nacional, tem a maior taxa de execução no que diz respeito às candidaturas apresentadas ao Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU). A Câmara de Aljustrel lidera este programa, segundo os dados oficiais revelados em dezembro de 2019. Destacaria duas obras, pelo seu simbolismo: a requalificação do jardim 25 de Abril, em Aljustrel, um dos locais mais simbólicos da vila e que se tornou, com esta obra, um dos centros da sua vida; a instalação de condutas e depósitos de água no Carregueiro e Aldeia dos Elvas – pequenas aldeias que, no seu conjunto, têm cerca de 100 habitantes –, ficando assim todas as localidades do concelho fornecidas pelo mesmo sistema de água pública. Estas obras orgulham-me, particularmente, porque são a marca distintiva do poder autárquico: servir as populações, independentemente da dimensão do local onde vivem.

Que objetivos, por si ambicionados para este mandato, poderão ficar por cumprir?

Há sempre objetivos por cumprir, porque a atividade autárquica é um processo contínuo, em que os objetivos concretizados abrem sempre novos desafios. Concluirei este ciclo com orgulho no que, eu e a minha equipa, fizemos nestes 12 anos. Tem sido um privilégio servir os meus conterrâneos como presidente de câmara e mantenho intacto o compromisso que sempre me acompanhou: fazer de Aljustrel um concelho ainda melhor para se viver. Acredito que estamos no bom caminho e plenamente integrados no Baixo Alentejo e num país que se quer mais próspero e justo!

Com as próximas eleições autárquicas marcadas para setembro/outubro (ainda sem data definida), qual a sua principal prioridade nesta "reta final" de mandato?

A minha maior prioridade é deixar a Câmara de Aljustrel preparada para receber um novo executivo. Deixamos uma autarquia estável financeiramente e com vários projetos e obras que irão ser fechados pelo executivo que me precede. Deixamos também uma equipa de bons trabalhadores, que sempre horaram e continuarão a honrar este município. Espero também que a situação pandémica que vivemos se resolva e que possamos retomar a normalidade no nosso concelho e no país, tão breve quanto possível.

Quais os principais problemas com que o concelho se debate?

Aljustrel sofre dos problemas que afetam a maioria dos municípios do interior de Portugal. Temos uma população envelhecida, perdemos nas últimas décadas 25 por cento da nossa população. De qualquer forma, temos alguns indicadores que nos animam, como, por exemplo, o facto de termos sido, em 2017 e em 2019, o concelho a nível nacional com a taxa de fecundidade mais alta, apenas ultrapassados por Lisboa.

Quais os principais desafios que o presidente de câmara que será eleito para o quadriénio 2021/2025 terá pela frente?

Os principais desafios que se colocam ao concelho de Aljustrel são os mesmos que se colocam ao conjunto do Baixo Alentejo. A nossa posição periférica poderá, à partida, ser uma desvantagem, ainda que a nossa relação com o Atlântico e a proximidade a Espanha e ao Norte de África, coloque o Baixo Alentejo numa posição privilegiada. Também a carência de acessibilidades é uma desvantagem, pelo que precisamos, urgentemente, de reforçar as redes de acessibilidades que garantam melhores níveis de competitividade, seja dentro do território nacional, seja a nível internacional. Tudo isto que conseguirá com a união entre os baixo-alentejanos e com a afirmação do nosso potencial, no contexto nacional e europeu. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, em cinco anos, as exportações no Baixo Alentejo subiram 400 milhões de euros, sendo agora de 1,5 mil milhões de euros por ano. São indicadores muito animadores, que confirmam que a região segue no bom caminho. Para este números contribuiu evidentemente o setor agrícola e agroindustrial, mas também setores como o mineiro, o das rochas ornamentais, o turismo, a agroindústria, o aeronáutico, entre outros, que deram contributos decisivos, ainda que não tão falados e valorizados. Quero acreditar que esta tendência irá manter-se, embora se coloquem grandes desafios, nomeadamente no domínio da sustentabilidade ambiental e social dos territórios.

OPINIÃO

A pandemia e as nossas fragilidades

MANUEL ANTÓNIO DO ROSÁRIO PADRE

A Humanidade do século XXI está a escrever um dos seus piores capítulos, fruto da pandemia que se abateu sobre nós, e inundou o nosso quotidiano de incertezas, medos, provações e expectativas.

Pela sua omnipresença no universo informativo, é fácil concluir que ela fez emergir e agravou significativamente contradições e desigualdades do nosso mundo, e dos mundos que nele subsistem, pois, apesar das ondas de choque deste 'tsunami' atingirem todas as latitudes e longitudes, são sem dúvida os mais frágeis, pequenos e pobres, quem mais sofre. Infelizmente, são também estes que, na hora em que surgem as primeiras respostas, correm o risco de perder o comboio, por falta de recursos para a adquisição das vacinas e demais tratamentos, e de púlpitos onde a sua voz se faça ouvir.

Há, porém, sinais positivos que gostaria de assinalar:

1.º A mobilização, sem precedentes, de pessoas e recursos, num esforço ciclópico de investigação científica, sinal de que, para problemas globais, exigem-se e são possíveis, respostas globais;

2.º O alívio da pressão sobre o planeta azul, que parece ter voltado a respirar plenamente, depois de décadas de ofegante e voraz poluição, conduzida por uma ânsia descontrolada de ter e dominar;

3.º A generalização de gestos de profunda humanidade e solidariedade, bem reveladores daquilo que o ser humano é capaz, se, exercendo firmemente o discernimento, não se render ao mal.

A pandemia parece ter criado em nós uma maior consciência de interdependência: somos uma só família humana, que habita a mesma e única casa comum. Ela pode também constituir uma autêntica oportunidade para abandonarmos egoísmos, individualismos e nacionalismos, que só contribuem para abrir feridas, agudizar conflitos e empurrar a Humanidade para uma espécie de "terceira guerra mundial, aos pedaços", como diz o Papa Francisco.

Há razões para continuar a acreditar no Homem, e na sua capacidade de se superar e de construir um amanhã melhor!

Já não quero saber de ti: quero o divórcio!

LUÍS MANUEL PICA SOLICITADOR

A pandemia provocada pela doença covid-19 trouxe efeitos nefastos em matéria económica, social e, principalmente, no campo da saúde e das relações entre as pessoas e familiares. Perderam-se, sobretudo, vidas humanas, mas também relações familiares, de amizade, afetos, carinhos e ideais platónicos de tempos outrora confraternizantes e sociáveis.

Um dos efeitos colaterais da pandemia expressa-se, principalmente, nas relações familiares, pois o largo convívio em tempos de confinamento acentua as diferenças existentes entre as pessoas, nomeadamente entre os casais, levando a um aumento exponencial do número de separações e divórcios desde então.

"O divórcio sem consentimento de um dos cônjuges deve correr obrigatoriamente no tribunal, enquanto o divórcio por mútuo consentimento pode seguir tanto no tribunal como na Conservatória do Registo Civil, nomeadamente no chamado Balcão de Heranças e de Divórcio com Partilha".

O divórcio caracteriza-se por ser uma das formas de dissolução do casamento, tendo por base um conjunto não cumulativo de fundamentos, como pode ser a não coabitação dos cônjuges, a violação de algum dever destes (como, por exemplo, o dever de fidelidade), ou simplesmente a vontade de pôr termo ao casamento por não existir qualquer laço afetivo que ligue o casal naquele vínculo jurídico, mas também emocional.

A dissolução do casamento com base no divórcio entre cônjuges pode seguir duas vias distintas, podendo ser por mútuo consentimento ou sem consentimento de um dos cônjuges. Por questões de economia, diremos que o divórcio sem consentimento de um dos cônjuges deve correr obrigatoriamente no tribunal, enquanto o divórcio por mútuo consentimento pode seguir tanto no tribunal como na Conservatória do Registo Civil, nomeadamente no chamado Balcão de Heranças e de Divórcio com Partilha.

O divórcio por mútuo consentimento intentado na Conservatória do Registo Civil inicia-se com um requerimento no qual é exposta a vontade de ambos dissolverem o casamento celebrado, devendo, ainda, juntar um conjunto de documentos sobre variados temas, caso sejam aplicáveis: acordo sobre a casa de morada de família; a relação especificada dos bens comuns, com indicação dos respetivos valores; a certidão da sentença judicial que tiver regulado o exercício das responsabilidades parentais ou o acordo sobre o exercício das responsabilidades parentais quando existam filhos menores e não tenha previamente havido regulação judicial; o acordo sobre a prestação de alimentos ao cônjuge que deles careça; a certidão da escritura da convenção antenupcial, caso tenha sido celebrada; e o acordo sobre o destino dos animais de companhia.

A elaboração destes acordos revela-se de suma importância, pois os interesses colocados em causa vão muitas das vezes além dos próprios cônjuges, pelo que uma boa redação dos acordos se insurge de uma relevância fulcral para a boa tramitação do processo.

Assim, muito embora se observe uma aparente simplicidade, será de todo conveniente a ajuda do solicitador no aconselhamento de todo este processo, acompanhando-o na obtenção da documentação necessária e na formalização dos mencionados documentos.

* Artigo publicado no âmbito de uma parceria entre o "Diário do Alentejo" e a Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução

HÁ 50 ANOS

CARLOS LOPES PEREIRA

Diário do Alentejo

O Presidente da República

AS RAIZES DO MEDO

A exposição de Paulo Bensliman na S. E. I.

DIÁLOGO

A nova delegação do «Diário do Alentejo» em Lisboa, está instalada na Rua Braancamp, 82-C/D-Telef. 560932

"DIZEM MAL DE TUDO E NUNCA FIZERAM NADA…"

O "Diário do Alentejo", já aqui se escreveu, com novo diretor, mudou a linha editorial, para pior. Assumia-se como "porta-voz das províncias do Sul" e dava grande espaço à propaganda do regime, chegando ao ponto de, ao lado do cabeçalho, destacar uma frase de Marcello Caetano (assim, com dois éles) sobre o jornalismo!

Mas o vespertino ainda publicava coisas interessantes. Numa nova coluna, Tribuna Livre, publicava, na edição de 5 de fevereiro de 1971, um curioso texto, intitulado "Isto aconteceu… e eu vi", assinado por "Um jovem bejense (de avançada idade)". O artigo esboça o retrato da Beja de há meio século, quiçá com traços ainda atuais. Assim:

"Beja é capital de distrito. É uma grande região agrícola.

Tem mais de 25.000 habitantes servidos por dois hospitais.

Tem um Liceu, escolas industrial e do Magistério, vários colégios particulares e muitas escolas primárias.

Possui uma Base Aérea, um moderníssimo quartel e um atualizado corpo de bombeiros voluntários.

É detentora de moderníssima piscina e de um cine-teatro e uma esplanada-cinema.

Tem ainda um belo mercado público e uma estação rodoviária; tem comboios normais e rápidos e auto-motoras com ligações para o Norte e Sul.

Tem um jornal diário e outros semanais.

Tem fronteiras com a Espanha a 60 Km., e esta dista de Sevilha 220 Km.

Tem uma comissão de turismo condignamente instalada.

Tem vários cafés, bons restaurantes, uma residencial e muitas pensões de 1.ª e de 2.ª classes.

Terá um hotel … que há-de abrir um dia!...

Possui sinalização automática (parcial), uma banda de música (das poucas sobreviventes), colectividades de recreio, dois clubes desportivos (disputando provas), um comércio ao nível das grandes cidades, jardins-monumentos e museus e, ainda, um castelo dos mais belos de Portugal!

Mas Beja tem muito mais. Tem pessoas que dizem mal de tudo e que nunca conseguiram fazer nada!!! Porque criticar é muito fácil e muito cómodo…

Não será isto verdade?

Estatuto editorial do "Diário do Alentejo"

1. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário regionalista, de informação geral, que pretende através do texto e da imagem dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, e que sem se remeter a posições de neutralidade proporciona espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade.

2. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário independente cuja linha editorial é submetida a critérios de total rigor e seriedade, recusando quaisquer influências ideológicas ou dos poderes político, económico e religioso.

3. O "Diário do Alentejo" produz um jornalismo transparente, abrangendo os mais variados campos da sociedade portuguesa em geral e da alentejana em particular, com exigência e qualidade, através de um trabalho eficaz, criativo e interativo, com o objetivo de bem informar e esclarecer um público plural.

4. O "Diário do Alentejo" não estabelece quaisquer hierarquias para as notícias e pretende contribuir para o debate e a reflexão sobre as grandes questões da região e do País, pelo que cria espaços apropriados para expressão de opiniões e não estabelece barreiras a qualquer corrente de comunicação.

5. O "Diário do Alentejo" considera que os factos e as opiniões devem ser separadas com evidência: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

6. O "Diário do Alentejo" determina como únicos limites para a sua intervenção aqueles que são determinados pela lei, pela deontologia jornalística e ética profissional e por tudo aquilo que diga respeito à vida privada de todos os cidadãos.

vinhos

Diário do Alentejo

RICARDO ZAMBUJO

Tintos alentejanos de topo: entre o clássico e o moderno

O Alentejo é a região líder no mercado nacional na categoria de vinhos engarrafados de qualidade com Denominação de Origem (DOC Alentejo) ou Indicação Geográfica (Regional Alentejano), tendo uma quota de mercado de cerca de 40 por cento. Nos vinhos de topo a concorrência é maior, mas mesmo assim, é no Alentejo que se produzem alguns dos vinhos ícones portugueses.

JOSÉ FERROLHO

Vinhos alentejanos de topo: entre o clássico e o moderno

tintos

TEXTO **MANUEL BAIÔA**

Nos últimos 30 anos, a área de vinha no Alentejo passou de cerca de 13 mil hectares para quase 23 mil hectares e de cerca de 40 produtores/engarrafadores passou-se para quase 360, tendo a produção de vinho crescido de cerca de 40 milhões de litros para mais de 100 milhões de litros. Esta situação foi uma consequência do crescimento da procura do vinho alentejano, o que provocou uma autêntica revolução na região.

O êxito continuado dos vinhos alentejanos, desde o final da década de 80 do século passado, levou a que inúmeros agricultores e investidores, alguns externos e outros da própria região, quisessem investir num negócio que estava a ser de grande êxito. Nesses anos, um quilo de uva chegou a valer mais de um euro.

Nesta história de crescimento para o estrelato merecem destaque, para além dos produtores e das cooperativas alentejanas, a Associação Técnica dos Viticultores do Alentejo (Ateva), criada em 1983, a Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA), criada em 1989, e as instituições de ensino superior do Alentejo. Deve-se ainda sublinhar que em 1988 foram regulamentadas as primeiras denominações de origem alentejanas.

Estas instituições revelaram-se mais dinâmicas, modernas e profissionais que as suas congéneres de outras regiões do país, apostando claramente na inovação, na tecnologia e na ciência, tornando possível que o vinho alentejano fosse um caso de sucesso. A partir do final dos anos 80, a maioria dos produtores de vinho comprou cubas de inox com sistemas de frio, entre outros equipamentos modernos, e contratou técnicos especializados que tinham saído há pouco tempo das universidades e politécnicos, tornando-se alguns deles enólogos famosos, passados alguns anos.

O vinho alentejano tornou-se uma marca de qualidade porque foi a primeira região a eliminar os vinhos com defeito e passou a proporcionar ao consumidor vinhos jovens, frutados, com aromas e sabores que nunca tinham experimentado. Os amantes do vinho passaram a ter plena confiança no vinho alentejano, pois sabiam que não iam ficar dececionados. Os produtores de vinho alentejano conseguiram colocar no mercado um vinho moderno, pronto a beber, cheio de fruta, quente e alcoólico, qualidades muito apreciadas nesses anos. A região passou a ser conhecida como o "novo mundo" de Portugal, devido às semelhanças às novas regiões vinícolas da América, África e Oceânia, no que respeita à abertura a novas castas e a processos enológicos inovadores.

Durante estas três décadas, os produtores alentejanos souberam adaptar-se aos novos tempos e aos novos gostos dos enófilos e, por isso, experimentaram diversos caminhos para o sucesso, mas sem perder a identidade desta vasta região. Neste

momento, os vinhos alcoólicos, potentes e demasiado frutados começaram a perder seguidores e o Alentejo já começou a adaptar-se a esta nova tendência que procura vinhos genuínos, elegantes e sóbrios, com frescura e mineralidade.

VINHOS DE TOPO CONSTRUÍDOS NA VINHA E NA ADEGA O Alentejo é recordista nas vendas, no mercado nacional, nas gamas de entrada e média. Todavia, na gama alta tem a concorrência muito forte do Douro e do Dão, e de outras regiões históricas nacionais. Neste mercado de nicho, que ajuda a construir a marca e valoriza os outros segmentos, o Alentejo tem assim fortes competidores. Procuramos saber qual é o caminho que se deve seguir para elaborar um vinho tinto de topo do Alentejo que exalte os sentidos. Um vinho criado para dar prazer e estimular emoções, cimentando boas memórias. Aqui, como em muitas áreas, não há um caminho uniforme para o êxito, embora se encontrem alguns padrões que se devem seguir metodicamente para construir uma marca de sucesso. Criar vinhos da gama alta exige muito trabalho e atenção. A diferença está nas nuances e pormenores, que são infinitos. É a soma de pequenos detalhes que contribui para produzir grandes vinhos.

O SOLO DO ALENTEJO Quando um produtor tem uma vinha que chegou à idade adulta deverá escolher em cada ano qual a parcela que irá contribuir para elaborar o seu melhor vinho. Aqui há essencialmente duas abordagens. A primeira, fruto de um grande conhecimento do solo, do microclima e do comportamento da casta, opta por ir buscar as uvas sempre à mesma parcela. Esta opção resulta de um saber aprofundado do histórico desse talhão, que tem dado provas sucessivas de grande qualidade. É o caso do vinho Incógnito, proveniente de uma parcela de Syrah, que nasce numa colina com um afloramento calcário.

Dentro da mesma linha, o vinho Esporão Private Selection tem sido elaborado, nos últimos anos, a partir de três parcelas: Vinha do Canto de Zé Cruz (Aragonez); Vinha do Telheiro (Syrah) e Vinha das Palmeiras (Alicante Bouschet).

A segunda abordagem passa por acompanhar as vinhas observando as diferenças que existem em cada ano agrícola, para assim identificar as parcelas e as castas que estão a ter um melhor comportamento nesse ano. Portanto, aqui o lote pode mudar consoante os anos, como é o caso do vinho Inevitável, o topo de gama da Casa Santa Vitória, elaborado com as melhores castas das melhores parcelas de cada ano. Outra solução habitual é fazer mais ou menos garrafas em função da qualidade desse ano, tentando manter sempre um padrão de alta qualidade.

O solo onde as videiras se desenvolvem tem um papel essencial na quantidade e qualidade da produção de uvas e no vinho que vai nascer. Embora não seja o fator determinante para a qualidade do vinho, é um dos fatores principais a ter em conta. Neste aspeto, as vinhas do Alentejo estão plantadas num mosaico de solos, com destaque para os derivados do granito, do xisto e do calcário, e apresentam diversas texturas: argilosa, franca, arenosa e com algumas áreas de calhau rolado. A textura do solo é determinante para dar à planta a água e os nutrientes necessários ao seu perfeito desenvolvimento.

No passado, os agricultores alentejanos instalavam as suas vinhas em solos de baixa fertilidade, mas com espessura e permeabilidade que permitisse a recarga hídrica durante a estação das chuvas e posterior fornecimento de água e nutrientes na época seca, pois as vinhas não eram regadas. Não colocavam as vinhas nos lugares mais produtivos, pois esses terrenos estavam destinados a outras culturas. Estava enraizada a ideia de que a "a vinha, para produzir bom vinho tinha de sofrer".

VINHAS VELHAS E VINHAS NOVAS NO ALENTEJO Neste momento já são poucas as vinhas velhas não regadas no Alentejo. Mesmo os produtores que possuem este tipo de vinhas situadas em 'terroirs' de excelência nem sempre conseguem produzir vinhos de topo. Hugo Carvalho, enólogo da Quinta da Terrugem, salienta que as vinhas desta propriedade têm cerca de 30 anos e estão situadas na zona sub-região demarcada de Borba, "com predominância de solos argilo-calcários. Devido à ausência de irrigação, as plantas desenvolveram o seu sistema radicular de maneira a ir buscar ao solo a água e os nutrientes que necessitam para produzir uvas". No entanto, este 'terroir' de eleição não permite produzir todos os anos o vinho T - Quinta da Terrugem. É necessário acrescentar "mais uma combinação perfeita de dois fatores climáticos, a precipitação e a temperatura". Nesses anos, "a vinha desenvolve o seu ciclo vegetativo para produzir uvas de grande qualidade que originam vinhos elegantes, frescos e de grande complexidade aromática".

O mesmo enólogo supervisiona a Quinta do Carmo, uma das propriedades vitivinícolas mais famosas do Alentejo. Embora fique perto da Quinta da Terrugem, tem características distintas. A vinha está distribuída em duas parcelas. A primeira tem cerca de 30 anos e está situada no "eixo dos mármores" de Estremoz. Os seus solos argilosos, ricos em nutrientes e minerais, assentam diretamente no mármore, originando "vinhos de grande intensidade e concentração". A segunda parcela tem vinhas com 20 a 25 anos e situam-se mais a Sul, num vale junto ao sopé da Serra D'Ossa, em solos xistosos. Este 'terroir' permite às uvas "maturações muito lentas devido à diferença de temperaturas entre o dia e a noite, originando assim vinhos muito elegantes, frescos e com taninos de grande qualidade".

Já o vinho Quinta do Paral Vinhas Velhas 2018 provém de uma parcela de castas autóctones da Vidigueira (Aragonez e Tinta Grossa) com mais de 50 anos. O 'terroir' onde estas castas estão plantadas proporciona, na opinião do enólogo Luís Morgado Leão, uma "expressão única e diferenciadora". Ainda que o Alentejo não tenha muitas vinhas velhas, deve melhorar a comunicação sobre os vinhos que saem dessas preciosas cepas, pois são vinhos distintos e singulares.

Nos últimos anos houve um crescimento na diversidade de castas plantadas no Alentejo. Mas esta tendência já vem de há muitos anos, pois a região sempre foi muito aberta à introdução de novas castas, ao ponto de uma delas ter sido adotada e considerada como sua (Alicante Bouschet). O tema das castas será desenvolvido num próximo artigo, pois é um tema complexo e polémico, e necessita de uma reflexão aprofundada.

As novas vinhas do Alentejo foram instaladas com rega gota a gota, tentando combater o 'stresse' hídrico e contribuir para uma produção mais homogénea. No entanto, na produção de vinhos de qualidade a água deve ser usada com muita parcimónia, pois há o perigo de a videira ficar preguiçosa, isto é, de criar apenas uma raiz superficial. Tendo alimento e água em abundância à superfície, não necessita de "sofrer" para descer à rocha-mãe.

A maioria dos vinhos de topo do Alentejo já provêm de vinhas regadas, mas a rega é usada em situações pontuais para maximizar a qualidade. É o caso do vinho Esporão Private Selection 2014 que resulta do conhecimento profundo que os enólogos David Baverstock e Sanda Alves têm das vinhas da Herdade do Esporão. O vinho é um 'blend' de três parcelas distintas, com características diferenciadoras, mas que juntas, em lote, dão harmonia ao conjunto. O Aragonez tem origem numa vinha plantada em 1980, onde o solo é franco-arenoso. O Syrah é proveniente de uma vinha plantada em 1998 em solo xistoso, pedregoso e esquelético. Já o Alicante Bouschet tem origem numa vinha plantada em 1996, onde os solos são argilosos e profundos.

O CLIMA E A MORFOLOFIA DO ALENTEJO O clima do Alentejo é essencialmente mediterrânico, mas com algumas zonas de influência continental e atlântica. É tendencialmente seco, com invernos frios e verões extremamente quentes. Ainda assim, existem diferenças regionais vincadas no clima, dos concelhos alentejanos que vão desde Nisa, no interior Norte, a Mértola, no interior Sul, e a Odemira, no litoral Sul. A paisagem também tem alguma diversidade, muda da planície para a serra, das colinas para os vales, embora a paisagem predominante seja a planície ondulada. O clima e a morfologia do Alentejo são propícios à cultura da vinha, mas em cada zona o viticultor deverá escolher as parcelas que realcem as potencialidades de cada zona. Em Mértola poderá optar por instalar a vinha numa encosta umbria, portanto virada a norte, para proteger as videiras do tórrido sol e em Vila Nova de Milfontes numa encosta soalheira para a proteger do excesso de humidade. Cabe ao produtor mostrar os diferentes matizes do seu 'terroir'.

A ideia enraizada de um Alentejo uniforme e com características estereotipadas tem de ser combatida. Por exemplo, a Herdade do Freixo localizada no sopé da Serra d'Ossa tem um 'terroir' único que se revela nos seus vinhos e que se afasta de algumas ideias feitas sobre o Alentejo. As vinhas estão localizadas a mais de 450 metros de altitude em solos de origem granítica. O enólogo Diogo Lopes defende que este "ambiente influencia o perfil dos seus vinhos", pois distinguem-se pela "elegância e longevidade".

O RENDIMENTO DA VINHA E O MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICO Um aspeto determinante na elaboração de um vinho ícone é o rendimento da vinha. Neste tipo de vinhos não se pode ultrapassar normalmente as cinco/seis toneladas por hectare. Nas vinhas velhas essa produção surge espontaneamente, mas nas vinhas jovens ou adultas, o produtor tem de fazer uma monda de cachos, para assim melhorar a qualidade das uvas que ficam na videira, tornando-as mais homogéneas.

Na prova realizada de vinhos 'super premium' comprovamos a grande qualidade dos vinhos tintos alentejanos. Os vinhos provados apresentaram estilos diferenciados, mas com um cariz profundamente alentejano. A marca de identidade do Alentejo mantém-se, com vinhos intensos, concentrados, pujantes, que enchem a boca e a alma, refletindo o clima e o solo onde nasceram. No entanto, a maioria dos vinhos apresenta-se com equilíbrio e elegância, revelando frescura e mineralidade.

Os diversos estilos dos 'super premium' alentejanos

topo

TEXTO **MANUEL BAIÔA** FOTO **RICARDO ZAMBUJO**

Esta opção é essencial em algumas castas, como o Alicante Bouschet, que quando é deixada à revelia produz muito, mas essas uvas não podem ser encaminhadas para vinhos 'premium'. O enólogo Paulo Laureano revela que para elaborar o vinho Herdade do Moinho Branco Alicante Bouschet 2015 teve de realizar "uma monda severa para que a produção não excedesse as 4,5 toneladas".

A maioria dos produtores alentejanos está inserida no sistema de produção integrada. Contudo, alguns começaram a dar passos para o modo de produção biológico. Estes produtores acreditam que alterando as práticas da agricultura convencional irão desenvolver um solo com vida, capaz de alimentar corretamente a videira, e transmitir-lhe a sua essência. Não utilizam agroquímicos, fazem poucas mobilizações do solo e favorecem a existência de um coberto vegetal na vinha, estimulando a biodiversidade, entre outras medidas agroambientais que implementaram.

Pretende-se criar um ecossistema resiliente, em que as plantas e o solo encontrem o seu equilíbrio. Contudo, esta mudança pode ser problemática nos primeiros anos, provocando uma baixa na produção. Mas os produtores acreditam que é compensada pela qualidade e pureza do vinho que passam a apresentar. É o caso do vinho Frederick Von S. Conde de Mértola 2017, elaborado a partir de uma vinha situada em Mértola, sob os princípios da agricultura biológica e vegan. O Esporão já terminou o processo de conversão para o modo de produção biológico e as Cortes de Cima estão a iniciar esse processo. Este pode ser um dos caminhos da viticultura alentejana para se tornar mais sustentável, adaptada às mudanças climáticas e atenta às tendências mundiais.

A VINDIMA As parcelas são monitorizadas com rigor científico e sensibilidade para identificar o dia ideal da vindima. Nesse momento, as uvas deverão estar num estado ótimo de maturação. Com o clima do Alentejo, atrasar-se um ou dois dias na vindima pode ser trágico, pois as uvas podem ficar em sobre maturação e com pouca acidez. Neste tipo de vinho as uvas são apanhadas à mão, para assim escolher e preservar as melhores, excluindo as uvas verdes e em passa. Alguns produtores fazem várias passagens na mesma parcela para apanhar só os cachos que estão em perfeitas condições. Esta opção de colher um pouco de cada vez aumenta a logística e os custos, mas melhora o produto final.

A ADEGA As vinificações deste tipo de vinhos são geralmente pequenas e com um tratamento de luxo. Usa-se muitas vezes a pisa a pé ou mecânica em lagares de mármore ou inox, cubas rotativas fechadas para preservar melhor os aromas, cubas de betão, ovos de cimento e outras panóplias de equipamentos para maximizar a qualidade do produto final.

A maioria dos produtores procura acrescentar complexidade e profundidade aos seus melhores vinhos colocando-os a estagiar de oito a 24 meses em barricas de carvalho francês das melhores tanoarias. O produtor Morais Rocha Wines colocou o seu topo de gama (Morais Rocha Grande Reserva 2013) num duplo estágio de barricas novas, isto é, esteve um ano em barricas novas e os restantes meses noutras barricas novas. Contudo, neste aspeto tem sido notória a tendência para se usar uma percentagem maior de barricas de segundo e terceiro ano e com tostas mais suaves. Diminuiu-se o uso das barricas novas para que a madeira não marque demasiado o vinho. Entende-se que assim o mesmo expressa melhor a casta e o 'terroir'.

Outra mudança no mesmo sentido é a passagem da capacidade das barricas de 225 para 300 litros e para 500 litros, ou mesmo o estágio em balseiros ou grandes toneis, induzindo assim uma evolução mais lenta, para criar um vinho de guarda. O estágio em garrafa deste tipo de vinhos pode durar de um a seis anos. Só ai é que vai para o mercado. Um vinho de topo deverá também ser um vinho de guarda, que passe o teste da passagem do tempo, melhorando em garrafa e permanecendo distinto e com caráter durante algumas décadas.

Conseguimos identificar nesta prova quatro caminhos que o vinho alentejano está a trilhar: o Alentejo clássico; os Vinhos de Talha; o Alicante Bouschet; e o Alentejo moderno.

ALENTEJO CLÁSSICO O primeiro estilo, que podemos denominar clássico, caracteriza-se por utilizar maioritariamente as castas tradicionais do Alentejo, com destaque para o Aragonez e a Trincadeira, provenientes de vinhas velhas e adultas. Este dueto é complementado, por vezes, com algumas castas internacionais. A maioria destes vinhos teve um estágio prolongado em barrica e garrafa, pelo que já se apresentam com os vários componentes bem integrados, mostrando os aromas secundários e terciários.

É caso do vinho Herdade Grande Génese do Baco 2014 que foi elaborado com as castas Aragonez, Trincadeira e Alicante Bouschet. António Lança, proprietário da Herdade Grande, salienta que com este vinho a empresa pretendeu "homenagear a herança da viticultura antiga alentejana" e "comemorar o nosso centenário". O vinho apresenta a tradicional fruta madura

Herdade da Calada Syrah 2018
Herdade da Calada
Casta: Syrah
14,5%, PVP: 24 euros

Herdade Grande Génese do Baco 2014
Herdade Grande
Castas: Aragonez, Trincadeira e Alicante Bouschet.
14%, PVP: 25 euros

Honrado Talha Edição Limitada 2017
Honrado Vineyards
Castas: Aragonez, Alicante Bouschet e Tinta Grossa
13,9%, PVP: 27,9 euros

Frederick Von S. Conde de Mértola 2017 Monte F. Assis - Sociedade Agro-Turística, Lda Castas: Touriga Nacional, Syrah, Aragonez, Alicante Bouschet e Trincadeira
14%, PVP: 29 euros

Herdade do Sobroso Grande Reserva 2018
Herdade do Sobroso
Castas: Alicante Bouschet e Cabernet Sauvignon
14,5%, PVP: 29 euros

transtagana, com algumas notas evolutivas e balsâmicas, taninos finos e um final longo e persistente. O enólogo Diogo Lopes afiança que vai crescer em garrafa, surpreendendo nos próximos anos "com novas camadas de complexidade".

O vinho Quinta do Carmo Reserva 2013 tem atrás de si uma longa linhagem. Embora o seu perfil tenha evoluído ao longo do tempo, manteve-se como um clássico do Alentejo, ainda que com a inserção de algumas variedades internacionais. É elaborado maioritariamente com as castas Aragonez e Alicante Bouschet, a que se acrescenta um pouco de Cabernet Sauvignon e Syrah. É um vinho com aroma complexo de frutos vermelhos, encorpado, mas simultaneamente seco, sedoso e complexo.

O vinho T - Quinta da Terrugem 2014 combina as castas Aragonez, Trincadeira e Cabernet Sauvignon. É um vinho de grande concentração, com frutos maduros e alguns fumados do estágio em madeira. Este vinho remete-nos para um Alentejo antigo de austeridade e elegância.

O Quinta do Paral Vinhas Velhas 2018 apresenta-se com grande equilíbrio e frescura, com um aroma fino de estevas, cogumelos, frutos do bosque mediterrânico e final especiado. Este vinho foi elaborado com uvas das castas Aragonez e Tinta Grossa de cepas com mais de 50 anos. É um excelente exemplo de um vinho alentejano do futuro, mas que foi buscar as suas raízes ao passado.

Já o Morais Rocha Grande Reserva 2013 é elaborado com as castas Aragonez, Trincadeira e Alicante Bouschet. É um vinho poderoso e quente. Revela aroma a frutos pretos muito bem integrados com a madeira.

O Esporão Private Selection 2014 é um lote das castas Aragonez, Syrah e Alicante Bouschet. Apresenta-se neste momento num ponto alto da sua evolução. Tem um aroma a fruta negra madura, notas de cacau e textura equilibrada e sedosa, com apontamentos de fumo e especiarias. É um vinho muito harmonioso, que nos remete para um Alentejo que se afirma cosmopolita e internacional.

VINHOS DE TALHA O segundo estilo de vinhos que identificamos nesta prova foram os DOC Talha. O Alentejo foi a região portuguesa (e possivelmente do mundo) que melhor preservou os vinhos de talha até aos dias de hoje, mantendo no essencial o processo de vinificação trazido pelos romanos. Contudo, este processo estava confinado até há poucos anos a alguns pequenos produtores "caseiros", que iam passando esta técnica enologia mais oxidativa de geração em geração.

Nos últimos anos, os vinhos da talha começaram a ser muito procurados, nomeadamente por um nicho de consumidores que privilegia o caráter, a autenticidade e a história que este tipo de vinhos traz consigo. O vinho de talha começou a ser olhado como uma oportunidade de negócio, pelo que muitas empresas de referência começaram a fazer experiências. Isso levou a que um número progressivamente maior de produtores começasse a apostar na talha como um produto diferenciador.

O vinho de talha passou das tabernas do Alentejo, onde ainda se bebe, para as mesas mais exigentes das grandes metrópoles do mundo. O preço, naturalmente, acompanhou a mudança. Os dois vinhos provados chegaram-nos de Vila de Frades, para muitos a "Capital do Vinho de Talha". O Peculiar 2017 foi elaborado a partir das castas Aragonez e Trincadeira provenientes de solos xistosos. Revelou-se quente e poderoso, com aromas de frutos pretos maduros. Na boca mostrou-se complexo, com os taninos bem integrados e sem que a graduação alcoólica elevada perturbasse a prova, pois apenas mostrou o caráter e a identidade da terra que o viu nascer.

O vinho Honrado Talha Edição Limitada 2017 foi elaborado com um 'blend' das castas Aragonez, Alicante Bouschet e Tinta Grossa. No aroma patenteou frutos vermelhos e na boca mostrou grande frescura, mineralidade e persistência. Foram dois bons exemplos de estilos diferenciados de vinho de talha que o consumidor tem à sua disposição e que continuarão a dar prazer durante muitos anos. O vinho de talha deixou de ser um vinho passageiro do inverno e da primavera alentejana, para se tornar num vinho duradouro, aberto ao deleite de todos os que o souberem apreciar.

ALICANTE BOUSCHET, A CASTA QUE SE NATURALIZOU ALENTEJANA O terceiro estilo de vinho que identificamos gira em torno da casta Alicante Bouschet. Esta casta tintureira (com matéria corante na polpa) nasceu em França em meados do século XIX pela mão de Henry Bouschet, que conseguiu cruzar as variedades Grenache e Petit Bouschet (cruzamento das castas Teinturier du Cher e Aramon). Pensa-se que terá entrado em Portugal no início do século XX, para acentuar a cor aos vinhos licorosos da Herdade do Mouchão.

Em França, foi plantada principalmente no sul, na região do Languedoc, mas não obteve grande sucesso. Em quase todas as regiões de clima quente, onde foi plantada, é considerada uma casta secundária, usada para dar cor e tanino ao lote, nomeadamente na Califórnia e no Chile. Nos Estados Unidos da América atingiu alguma popularidade durante os anos da "Lei Seca", pois a sua cor intensa permitia que os contrabandistas misturassem água e açúcar no vinho. No entanto, parece que o Alicante Bouschet encontrou a sua casa no Alentejo, dado que é a base de alguns vinhos lendários da região de Estremoz (Mouchão e Quinta do Carmo) desde meados do século XX. Contudo, só recentemente é que ganhou projeção em outras sub-regiões, transformando-se na espinha dorsal da maioria dos grandes vinhos do Alentejo. A área desta casta no Alentejo está a crescer rapidamente, tendo chegado aos 16 por cento. Por isso, muitos defendem que o Alicante Bouschet é a casta tinta que melhor define a identidade do velho e do novo Alentejo.

O Alicante Bouschet adaptou-se maravilhosamente ao clima e ao 'terroir' alentejano. Sendo uma casta internacional, tem um coração regional. Contudo, tem que ser bem trabalhada para dar vinhos de extrema qualidade. Em jovem deve ser contida na produção com mondas rigorosas. Necessita de maturações delicadas, vinificações com algum engaço e estágio prolongado em garrafa para mostrar todos os seus atributos. Se for demasiado extraída, pode ficar com os taninos rústicos. Para além da cor retinta, esta casta dá uma estrutura taninosa, sólida e densa ao vinho, embora possa ser, por vezes, um pouco rude e opulenta. Por outro lado, transmite acidez, frescura e longevidade aos vinhos do sul. Ao nível aromático predominam os frutos silvestres, a azeitona, os vegetais secos, o mentol, o eucalipto, o chocolate amargo, o café e a pimenta.

O enólogo Paulo Laureano, grande conhecedor da casta, distingue algumas diferenças no seu comportamento nas várias regiões onde está plantada: "na Vidigueira o Alicante Bouschet tem diferenças bem marcadas quando comparado com o Alentejo mais a norte, onde as notas de prova são marcadas por um eucalipto forte e uma menta verde e, no caso da Vidigueira, mais pasta de azeitona e frutos negros muito maduros".

O Grande Rocim Reserva 2017 foi elaborado a partir de uma vinha velha de Alicante Bouschet plantada em solos xistosos da Herdade do Rocim. Revela um aroma balsâmico de grande complexidade com fruta preta. Na boca mostra-se opulento, mas fresco, com notas vegetais e de menta. É, nas palavras do enólogo Pedro Ribeiro, um "gentle giant". Isto é, "um vinho poderoso, com grande capacidade de evolução, mas ao mesmo tempo elegante e cheio de detalhes".

Já o Alyantiju 2018 provém de uma vinha de Alicante Bouschet da Vidigueira. Tem um perfil muito fresco e profundo, com uns taninos de filigrana. Ainda está muito jovem

Quinta do Paral Vinhas Velhas 2018
Quinta do Paral
Castas: Aragonez e Tinta Grossa
15%, PVP: 30 euros

Peculiar Mangancha 2017
ACV – Produção e Comércio de Vinhos de Talha, Lda. Castas: Aragonez e Trincadeira
16%, PVP: 32 euros

Quinta do Carmo Reserva 2013
BacalhôaCastas: Aragonez,Alicante Bouschet, Cabernet Sauvignon e Syrah 14%, PVP: 34,9 euros

Marmelar 2017
Casa Agrícola HMR - Herdade do Monte da RibeiraCastas: Alicante Bouschet, Petite Sirah e Petit Verdot
14%, PVP: 37,5 euros

Monte Branco 2016
Adega do Monte Branco
Castas: Alicante Bouschet e Aragonez
14%, PVP: 38 euros

Herdade do Moinho Branco Alicante Bouschet 2015
Ribafreixo Wines
Casta: Alicante Bouschet
14%, PVP: 39,9 euros

Herdade da Capela Grande Reserva 2016
Casa Clara
Castas: Alicante Bouschet, Touriga Nacional e Syrah
14,5%, PVP: 41,9 euros

e em crescimento. O enólogo Jorge Alves salienta o facto de ser um "vinho de território", uma vez que realizaram "uma procura minuciosa de sítios únicos para a criação de um vinho intemporal". O também enólogo António Cavalheiro realça o facto de ser um "vinho cheio, mas pleno de equilíbrios".

O Herdade do Moinho Branco Alicante Bouschet 2015 tem origem numa vinha ainda relativamente jovem da Vidigueira. No entanto, rapidamente superou as expetativas do produtor Mário Pinheiro. Segundo o enólogo Paulo Laureano, "revela um nariz bem fresco e exuberante, com o 'bouquet' de frutos silvestres e fruta madura bem evidenciado e enriquecido pelas notas secundárias de madeira, balsâmico, alcaçuz e café fresco. Na boca é um vinho cheio e sedoso, com taninos bem presentes conjugados com a acidez ideal que lhe garante todo o equilíbrio". Ainda está muito jovem, pelo que se augura uma fantástica evolução em garrafa.

Temos ainda um conjunto de vinhos em que o Alicante Bouschet é protagonista, mas que se conjuga com outras castas. O Herdade do Sobroso Grande Reserva 2018 é elaborado com as castas Alicante Bouschet e Cabernet Sauvignon. É um vinho concentrado na cor, revelando frutos pretos e pasta de azeitona no aroma. Na boca é encorpado e quente, mas ao mesmo tempo tem frescura e equilíbrio. Segundo o enólogo Filipe Teixeira Pinto, estas duas castas proporcionam "suavidade e elegância, e por outro lado, complexidade, frescura e capacidade de evolução e estágio. Pretende-se um vinho de guarda mas que ao mesmo tempo possa ser apreciado mesmo enquanto novo, no fundo, a grande vantagem que a região do Alentejo tem para oferecer".

O Marmelar 2017 é um lote das castas Alicante Bouschet, Petite Sirah e Petit Verdot. O vinho revela grande profundidade e requinte, com aromas de frutos negros e taninos finos e secos. É um vinho alentejano de grande esmero, mas ainda está bastante novo e fechado, pelo que deverá guardar algumas garrafas em cave, uma vez que se pressagia uma excelente evolução. O enólogo Nuno Elias defende que este vinho mostra uma "personalidade forte, sendo harmonioso em novo, demonstra boa capacidade de envelhecimento".

O Monte Branco 2016 é feito com duas castas de duas parcelas. O Alicante Bouschet é proveniente de um solo xistoso e o Aragonez de um solo calcário. O vinho mostra aromas a frutos vermelhos. Na boca revela boa acidez e grande equilíbrio em todos os componentes, tendo um final longo e persistente. Segundo o enólogo Luís Louro "faz lembrar alguns dos grandes vinhos antigos da região, mas sem alguma da rusticidade que existia. É um vinho profundo, fresco e com grande potencial de guarda".

O Herdade da Capela Grande Reserva 2016 é elaborado com as castas Alicante Bouschet, Touriga Nacional e Syrah. A fruta está já muito bem combinada com o carvalho francês, tornando-o macio e aveludado. A enóloga Alexandra Mendes refere que "é um vinho de destacada complexidade aromática, com capacidade de envelhecimento e longevidade em garrafa".

ALENTEJO MODERNO: FRESCURA E PUREZA DA FRUTA O último estilo que identificamos na prova caracteriza-se por enquadrar um conjunto de vinhos com grande frescura e por mostrarem uma grande pureza da fruta, utilizando para isso algumas castas novas na região, como o Syrah e a Touriga Nacional, entre outras.

O vinho emblemático que representa esta tendência é o Incógnito. Nasceu em 1998, numa altura em que a casta Syrah ainda não era autorizada pela CVR Alentejana. Dado o seu sucesso junto dos apreciadores, esta e outras castas passaram a ser autorizadas, mudando a panóplia de variedades que os enólogos têm ao seu dispor. A Syrah e a Touriga Nacional estão em crescimento e são neste momento a quarta e a quinta casta mais plantadas no Alentejo.

O Incógnito 2013 teve um longo estágio em garrafa. Mostra fruta vermelha, notas vegetais e uma enorme amplitude e frescura, reflexo do ano em que nasceu. É um Incógnito diferente dos seus irmãos, pela acidez e vivacidade que revela. É simultaneamente potente e delicado e tem um longo final, com notas minerais e especiadas. Segundo a enóloga Anna Jorgensen, "o novo Incógnito 2013 é um vinho vibrante, de elevada frescura e acidez, exuberante na boca e de grande potencial de guarda".

O Herdade da Calada Syrah 2018 tem um bonito aroma a fruta vermelha, com destaque para a framboesa. Na boca é vibrante, com os taninos sedosos e elegantes. Este vinho é fruto do 'terroir' onde nasceu, mas também de uma técnica enológica pouco comum neste tipo de vinhos. Combina a maceração carbónica e a fermentação alcoólica em simultâneo. O enólogo Eduardo Cardeal explica que o objetivo é criar um "Syrah com um estilo europeu, mais primário, fresco e elegante. Acreditamos que com esta técnica podemos marcar pela diferença", face a "outros topos de gama feitos com Syrah na região. Não temos compota, nem frutas pretas, temos fruta vermelha, especiarias e um toque mineral".

O Freixo Family Collection 2016 é um 'blend' de uvas de Touriga Nacional, Cabernet Sauvignon e Petit Verdot provenientes da Serra D'Ossa. O vinho mostra-se muito harmonioso, com fruta madura e notas de mentol. Na boca revela taninos finos, mineralidade e grande equilíbrio. Tem um perfil sofisticado e internacional e longa vida pela frente.

Finalmente, o vinho Frederick Von S. Conde de Mértola 2017 foi elaborado com as castas Touriga Nacional, Syrah, Aragonez, Alicante Bouschet e Trincadeira provenientes de uma vinha de agricultura biológica e vegan. Tem um aroma a frutos vermelhos e algumas notas florais. Na boca é fresco e elegante. Ainda está muito jovem, pelo que irá evoluir bem nos próximos anos.

Em síntese, o enófilo tem ao seu dispor um conjunto alargado de vinhos tintos alentejanos com vários estilos, bem diferenciados. Cada um deles leva a marca de identidade e o caráter de uma grande região de vinhos que se quer afirmar não só em Portugal, mas também a nível internacional. Contudo, o Alentejo tem de saber comunicar estes estilos contrastantes, pois há o perigo do consumidor ficar confundido com tal diversidade de castas, 'terroirs' e processos enológicos.

Freixo Family Collection 2016
Herdade do Freixo
Castas: Touriga Nacional, Cabernet Sauvignon e Petit Verdot
14%, PVP: 42 euros

Morais Rocha Grande Reserva 2013
Morais Rocha Wines
Castas: Aragonez, Trincadeira e Alicante Bouschet
16%, PVP: 43,5 euros

T Quinta da Terrugem 2014
Bacalhôa
Castas: Aragonez, Trincadeira e Cabernet Sauvignon
14,5%, PVP: 49,5 euros

Alyantiju 2018
Herdade Aldeia de Cima
Casta: Alicante Bouschet
14,4%, PVP: 59 euros

Esporão Private Selection 2014
Herdade do Esporão
Castas: Alicante Bouschet, Aragonez e Syrah
14,5%, PVP: 59 euros

Grande Rocim Reserva 2017
Herdade do Rocim
Casta: Alicante Bouschet
15%, PVP: 64,5 euros

Incógnito 2013
Cortes de Cima
Casta: Syrah
14%, PVP: 80 euros

DESPORTO

Mineiro Aljustrelense jogará em Olhão e Moura fica em descanso

UM EXCELENTE PALIATIVO

Cumpriu-se mais uma jornada do Campeonato de Portugal, com o triunfo precioso do Aljustrelense sobre o Esperança de Lagos e uma derrota, volumosa, do Moura, na visita ao reduto do Juventude de Évora.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Quatro dos cinco jogos da ronda 14 foram disputados no passado fim de semana, com o adiamento, apenas, do confronto entre o Amora e o Pinhalnovense, em virtude do surto de covid-19 com que se debate a formação do Pinhal Novo. Mas estão ainda em atraso 10 jogos de jornadas anteriores. Vamos em frente, e fixemo-nos no deve e haver das partidas que o último fim de semana nos proporcionou, entre as quais a deslocação do Moura Atlético Clube ao Estádio Tenente Sanches de Miranda, para defrontar o Juventude de Évora.

Estiveram em campo duas equipas aflitas, ávidas de pontuar. Note-se, aliás, que foi com os juventudistas que o Moura averbou o primeiro ponto neste campeonato, em casa, com um empate a duas bolas, o que não logrou desta feita, porquanto regressou da cidade eborense com uma pesada derrota por 4-1. O Juventude igualou, em pontuação, a primeira equipa acima da linha de água, o Pinhalnovense, mas tem mais um jogo realizado. O Moura, claro, estava em último e em último ficou, sendo que as contas vão ficando muito difíceis de fazer para os mourenses, pese embora o facto de ter três jogos em atraso.

Na vila de Aljustrel, o Mineiro lá conseguiu a sua terceira vitória no campeonato, a segunda no seu terreno. Um triunfo difícil, frente a um Esperança de Lagos bem organizado, que se deixou surpreender no início do segundo tempo, com um golo de Pedro Seco. Cinco minutos depois, os tricolores ainda desperdiçaram uma grande penalidade e construíram outras oportunidades de golo, perante o inconformismo dos algarvios, mas a estrelinha de José Luís Prazeres voltou a brilhar e os três pontos ficaram na vila mineira.

A classificação não se alterou mas, em termos práticos, a consequência da conquista dos três pontos foi o facto de manterem os adversários diretos à mesma distância, ainda que a formação de Aljustrel tenha mais um jogo do que o Juventude e mais dois que o Pinhalnovense, as duas equipas que a precedem na tabela. Ou seja, estes três pontos foram um excelente paliativo, mas a equipa tem que fazer mais, sobretudo conquistar pontos fora do seu terreno de jogo.

O Lusitano de Évora folgou nesta jornada. Nos restantes jogos, o Vitória de Setúbal voltou a fazer aquilo que sabe, vencer, derrotando o Lusitano Moncarapachense por magro um a zero. No Algarve jogou-se o dérbi entre o Louletano e o Olhanense, partida que se concluiu com um empate sem golos.

Resultados 14ª Jornada: Juventude de Évora-Moura, 4-1; Aljustrelense-Esperança de Lagos, 1-0; Vitória de Setúbal-Moncarapachense, 1-0; Louletano-Olhanense (0-0); Amora-Pinhalnovense; (adiado 17/3). Folgou o Lusitano de Évora.

A tabela da pontuação mantém-se sob o comando do Vitória de Setúbal, isolado, invicto e com o maior número de golos marcados, sendo certo que é o único clube com o calendário em dia. O Lusitano de Évora é o emblema alentejano com melhor posição na tabela classificativa, quarto lugar, a dezanove pontos do líder. Os restantes clubes da região ocupam os três últimos lugares. Classificação: 1º Vitória de Setúbal, 35 pontos. 2º Olhanense, 21. 3º Amora, 20. 4º Lusitano de Évora, 16. 5º Louletano, 16. 6º Esperança de Lagos, 14. 7º Moncarapachense, 13. 8º Pinhalnovense, 12. 9º Juventude de Évora, 12. 10º Aljustrelense, 10. 11º Moura, 2.

A jornada 15 abrirá nesta sexta-feira, à noite, com a realização do jogo entre o Esperança de Lagos e o Vitória de Setúbal. A partida entre o Pinhalnovense e o Louletano está adiada para o dia 3 de março e, no domingo, disputam-se os restantes jogos, todos com protagonistas alentejanos, mas com tarefas de grande exigência: Lusitano de Évora-Amora; Moncarapachense-Juventude de Évora; Olhanense-Aljustrelense. Folga o Moura.

Um quadro que se cumprirá se, em última hora, não surgirem imprevistos, porque no presente temos que estar preparados para, a qualquer o momento, sermos surpreendidos com peripécias e controvérsias próprias de um tempo que dizem ser o novo normal.

O adiamento de jogos devidos ao inusitado aparecimento de surtos de covid-19, infelizmente, tornou-se normal, tal a frequência com que as alterações vão sucedendo. Mas o adiamento de uma partida com a equipa visitante e o trio de arbitragem dentro retângulo de jogo, em exercícios de aquecimento, é no mínimo incompreensível. É algo insólito!

O caso, denunciado pelo Moura Atlético Clube nas redes sociais, reporta-se à partida que os mourenses deviam ter disputado no pretérito dia 27 de janeiro, pelas 15:00 horas, no Pinhal Novo, para defrontarem a equipa local. Segundo o documento divulgado pelos responsáveis do Moura, o clube teve conhecimento que o jogo não se realizaria, uma hora antes do seu provável início, "numa altura em que a equipa já se encontrava a realizar exercícios de aquecimento, juntamente com a equipa de arbitragem".

Num momento em que os clubes atravessam um período de grandes dificuldades financeiras, devido à ausência de receitas, a direção do Moura fez sentir à Federação Portuguesa de Futebol que o clube quer "ser ressarcido de todos os custos associados ao transporte e alimentação dos nossos atletas, técnicos e restante estrutura". A equipa de arbitragem para esta partida era liderada pelo lisboeta André Pereira, que tinha Pedro Baleizão como observador técnico.

Na mesma tarde de 27 de janeiro cumpriu-se um outro jogo em atraso da mesma jornada, o Amora-Moncarapachense, que terminou com o triunfo da turma visitada por duas bolas a zero.

O Campeonato de Portugal tem 10 jogos em atraso de jornadas anteriores, o que, por si só, concede pouca fiabilidade à classificação atual, sobretudo no "miolo" da tabela O Amora tem quatro jogos por realizar, Moura e Louletano três, Juventude, Pinhalnovense e Esperança de Lagos têm dois e, com um jogo em atraso, estão o Aljustrelense, Moncarapachense, Lusitano de Évora e Olhanense. Cinco destas dez partidas estão agendadas para o corrente mês de fevereiro, as restantes cinco, concretizar-se-ão em março.

> Faltam os estímulos, a pressão positiva sobre a equipa da casa, os assobios aos adversários, os insultos, os impropérios dirigidos às equipas de arbitragem. Ai como as suas mãezinhas têm permanecido num estado de absoluta pureza!

Quanta saudade têm os adeptos do futebol e o futebol tem deles

O ÁRBITRO ESTÁ COMPRADO...

Uma noite gélida, com uma daquelas friezas que até congelava o tutano, mas o adepto, homem que por nada deste mundo abandona o seu clube, empoleirou-se ao muro do estádio, querendo assistir a mais um jogo.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

O futebol continua sem a presença de público, não obstante, já em plena pandemia, terem sido feitos ensaios que suscitaram dúvidas e geraram controvérsias. Voltou-se, então, ao cenário das bancadas ao abandono, num silêncio que permite escutar o piar da passarada, quando não a troca de palavras entre os protagonistas do jogo. Falta a moldura humana. Faltam os estímulos, a pressão positiva sobre a equipa da casa, os assobios aos adversários, os insultos, os impropérios dirigidos às equipas de arbitragem. Ai como as suas mãezinhas têm permanecido num estado de absoluta pureza!

Mas o público tem saudade dos jogos de bola e o futebol tem falta dessa presença que, afinal, o completa. Sem adeptos, o futebol não é o mesmo, ninguém vibra com os lances, não se festeja o golo, nem se discute a justiça das decisões. Um bom jogo de futebol, em qualquer tarde de domingo, era um antídoto do mais eficaz e profilático para ao adepto 'stressado' que descarregava a testosterona em redor do campo. Esquecia os problemas do seu quotidiano, a dureza do trabalho e a magreza do salário. O homem libertava-se, enquanto contestava, com ou sem razão, as incidências dentro do retângulo de jogo.

Não importava quem tinha razão, era preciso barafustar. O adepto era, simultaneamente, treinador, era juiz, era de tudo um pouco e, às vezes, também aquilo que as mulheres não os deixavam ser na sua própria casa. O futebol era o tónico, era a emancipação, a explosão de sentimentos oprimidos, a afirmação do ego e da masculinidade. Já no tempo da ditadura, os governantes prescreviam ao povo insubmisso, uma boa dose de futebol, um calmante fascizante que o anestesiava. Os que iam nisso, claro.

Ah pois, o homem fez-se para guerrear! Bom, mas esta é a visão do adepto mais radical, é claro que uma árvore não faz a floresta. Mas este adepto, numa noite em que o mercúrio do termómetro oscilava entre o zero e o menos um, culpa da depressão Filomena, claro, a culpa é sempre das mulheres, pendurado na cercania do campo de futebol, queria lá saber do frio. Queria ver a sua equipa jogar, libertar as amarras deste tempo que nos confina, nos oprime, nos amedronta, queria "matar a saudade da felicidade", como muito bem cantou a inigualável Mara Abrantes, naquele magnífico poema, pleno de romantismo, "Os Amantes" (Lourenço Cantineto e Sidney da Conceição, 1979).

Sim existe uma relação de enorme romantismo entre o futebol e o público, os adeptos e os seus clubes são insuspeitos amantes em tudo o que, literalmente, se pode inferir da expressão. "Para matar a saudade/ da felicidade/ dos instantes/ que juntos passamos" poderia ter trauteado o solitário adepto empoleirado. Mas, como cada um expressa a saudade à sua maneira, cada um é o fiel da sua própria balança, o bom do homem só esperou que o árbitro apitasse, para dar início e partida e, ainda a bola não teria rolado todo o seu perímetro, já ele berrava lá de cima do muro "o árbitro está comprado". É isso, aquela ilusão de estar ali só "pode ser saudade, só pode ser saudade", como no poema de Jorge Fernando. A saudade, esse sentimento que se diz ser bem português e que em boa verdade não tem tradução noutros idiomas, não é mais do que a recordação de algo que já vivemos e que temos uma vontade imensa de repetir.

Saudade é um sentimento afetuoso suscitado pela distância, pela ausência de alguém que amamos ou de algo que muito gostamos. Chegados aqui, recordemos que - saudade - foi eleita, pelo favoritismo dos portugueses, como a palavra do ano de 2020, num tempo em que a concorrência era enorme, face ao abundante e repetitivo uso de vocábulos como covid-19, pandemia, quarentena, confinado, atípico, e por aí adiante. Mas saudade é saudade e não resistimos a recordar aquele belo poema, em crioulo cabo-verdiano (de Amândio Cabral e Louis Morais), cantado, imortalizado, pela enormíssima diva Cesária Évora "Sodade, Sodade/ Sodade dessa minha terra São Nicolau".

Pois é, a saudade que os adeptos têm do futebol e a falta que o povo faz ao jogo da bola! Mas foi a pandemia que os separou, e o seu regresso aos campos de futebol não se adivinha para breve. Tem sido mais fácil suspender o futebol do que, alguma vez, pensar em repor nos estádios aquela magnífica moldura humana de outros tempos. Aqueles a quem a adição ao jogo da bola fertiliza a criatividade, levam bancos, banquetas, escadas e escadotes e empoleiram-se, para não perdem uma pitada do que se passa lá dentro.

Mais criativos foram, numa destas manhãs, os adeptos de um clube que treparam às árvores exteriores do recinto e ali ficaram, pendurados nos galhos, como cegonhas em ninhos, incansáveis nos cânticos e nos estímulos ao seu emblema. Uma nova realidade, algo que julgaríamos impensável, num tempo também ele diferente, povoado de incertezas, recheado de surpresas e pautado pelos medos. Sim, medos!

Começámos por dizer que #vamos ficar todos bem. Sim, claro, aqueles que ainda não morreram… A ausência de público no futebol criou, também, a falsa ideia de que faltando a pressão positiva dos adeptos da casa, isso resultaria num maior número de vitórias dos clubes visitados. O jornalista Carlos Torres, editor executivo da revista "Sábado" (nº 872, 14/1) quis saber se realmente os adeptos ajudam a ganhar jogos e, através de uma esclarecedora infografia, concluiu que sim, que em Alemanha, Espanha e Inglaterra isso é verdade mas, em Portugal, nem por isso, a falta de público não influenciou a média de resultados na principal Liga Portuguesa.

Contudo, porque se diz, amiudadamente, que o futebol é o "desporto rei", ou que é o "ópio do povo", tratemos lá, responsavelmente, de ajudar a debelar a pandemia, com o incomensurável esforço e a louvável dedicação dos profissionais de saúde e, os que ficarem efetivamente bem, sobrevivendo, regressarão um dia às bancadas dos estádios de futebol para poderem gritar, alto e bom som, olhos nos olhos, que "o árbitro está comprado".

A ascensão de Maria do Rosário Figueira na hierarquia da Associação de Atletismo de Beja

UM MANDATO INOVADOR

António Machado, líder da Associação de Atletismo de Beja desde 2014 e reeleito, em outubro último, para novo biénio, renunciou ao cargo no início do passado mês de janeiro. A vice-presidente Rosário Figueira assumiu o cargo.

TEXTO **FIRMINO PAIXÃO**

Maria do Rosário Figueira tornou-se, desde o dia 18 de janeiro de 2021, na 13.ª presidente da Associação de Atletismo de Beja, organismo fundado no dia 7 de maio de 1986. É a segunda mulher a liderar o atletismo regional, depois da castrense Amélia Vaz ter preenchido idêntico cargo, no biénio 2012/2014. Rosário Figueira está ligada à modalidade há cerca de três décadas tendo ocupado, em diversos momentos, diferentes cargos nos órgãos sociais da associação.

No meio de muitas incertezas quanto ao regresso das competições, a nova presidente garante que irá dar continuidade ao trabalho que vinha a ser desenvolvido, mas também assume o desafio de inovar. Colaboradora próxima da Juventude Desportiva das Neves, a sua ascensão à presidência foi proposta pelos restantes membros dos órgãos diretivos e ratificada pelos clubes, em assembleia-geral extraordinária.

O atletismo não é uma modalidade nova para si? Há quantos anos se movimenta neste meio?

Tenho contacto com o atletismo regional desde há cerca de 30 anos.

Chegou a praticar? Mas tem feito um pouco de tudo, juiz, dirigente de clube, dirigente associativa…

Nunca pratiquei atletismo. Sou juiz cronometrista, já ocupei vários cargos diretivos na Associação de Atletismo de Beja, fui também presidente do conselho de arbitragem durante dois mandatos. Nunca fiz parte dos órgãos sociais de qualquer clube. No entanto, ao longo de todos estes anos, colaborei nas atividades e iniciativas de um clube.

Esperava, um dia, chegar à presidência da Associação de Atletismo de Beja?

A curto prazo, na verdade, não pensava. Mas quem sabe se, num futuro mais longínquo, não poderia ser uma hipótese a colocar em cima da mesa.

> Pedir a demissão é um direito que assiste a qualquer elemento dos órgãos sociais, desde que apresente motivos que o justifiquem, não sendo necessário haver falta de união entre os elementos diretivos".

Assumiu a presidência após a renúncia do professor António Machado, que tinha sido reeleito em outubro? Não é normal um dirigente deixar-se reeleger e sair três meses depois. Existia falta de união no coletivo?

Penso que é normal. Pedir a demissão é um direito que assiste a qualquer elemento dos órgãos sociais, desde que apresente motivos que o justifiquem, não sendo necessário haver falta de união entre os elementos diretivos.

Sentiu-se lisonjeada com a proposta que a direção levou à assembleia geral para que a Rosário Figueira assumisse o lugar de presidente?

Senti uma grande gratidão pelo voto de confiança que me foi transmitido, quer pelos clubes, quer pelos restantes elementos da direção.

A Associação tem um regulamento interno que permite o preenchimento de lugares sem recurso a eleições? Os estatutos estão francamente desatualizados…

Não. No regulamento interno da Associação de Atletismo de Beja não está nada relacionado com o preenchimento de lugares sem recurso a eleições. No entanto, à semelhança de outras ocorrências do mesmo género, quer na nossa associação, quer noutras, recorreu-se à legislação que rege o associativismo, em geral, onde se menciona que, no caso de demissão de algum dos elementos, será um outro elemento da direção a assumir o lugar.

Não se sente fragilizada por ocupar o lugar sem ter sido por eleição direta?

Não sinto qualquer tipo de fragilidade, pois acho que tenho toda a legitimidade, voto de confiança, competência e experiência para poder assumir o cargo.

O seu mandato será de continuidade, ou assumirá algum tipo de rotura com o passado? Algo pode mudar no modo e na forma com vai gerir a vida da Associação e intervir no desenvolvimento do atletismo regional?

O meu mandato será não só de continuidade como também será de alguma inovação, uma vez que o contexto está permanentemente a ser alterado.

O sucessivo prolongamento do "estado de emergência" em Portugal, não tem permitido a organização de nenhum tipo de eventos da modalidade? Noutros pontos do país têm existido provas, por exemplo, de 'trail'?

Houve associações que assumiram e ainda organizaram algumas provas, nomeadamente corta-mato. Nós, Associação de Atletismo de Beja, não fizemos qualquer prova durante o estado de emergência. É de sublinhar que, nos momentos em que foram marcadas provas, foram decretadas pelo Governo medidas de contenção que nos impediram de as realizar, dada a proibição de circulação entre concelhos. Assim, esperamos que a situação pandémica do país melhor e que possamos realizar provas e dar mais oportunidades aos nossos atletas, colocando sempre a sua segurança em primeiro lugar. Relativamente a provas de 'trail', posso afirmar que no Baixo Alentejo não foram realizadas.

A Associação tem mantido uma relação de proximidade com os clubes filiados, no sentido de os manter motivados?

Sim. Têm existido várias reuniões com os clubes e vários contactos que visam precisamente esse fator, a motivação.

O diretor técnico regional tem estado no terreno a tentar que não se quebre esse elo, essa corrente entre atletas/clubes/associação?

O diretor técnico regional tem realizado vários contactos para saber a realidade de cada clube e saber o que é possível realizar com as condições que temos de momento. A realidade desta época é dura. A pandemia veio alterar não só o nosso pensamento do que é, ou não, seguro, assim como alterou os horários e as formas de treino. No entanto, a Associação de Atletismo de Beja e o departamento técnico continuam a manter uma posição de ajuda no que for necessário.

A Federação Portuguesa de Atletismo tem cumprido bem o papel que lhe cabe?

Claro, desde sempre que mantemos uma boa relação com a Federação Portuguesa de Atletismo.

BOLA DE TRAPOS

JOSÉ SAÚDE

Zambujeira do Mar

É no sublime silêncio que rodeia esta já desgastada criatura, a que se junta agora uma pandemia mundial, a covid-19, que teima em não dar tréguas ao vulgar cidadão que resiste em permanecer hirto no reino dos mortais, que desfolho livros desportivos feitos pela minha inabalável determinação, releio textos que escrevi, revejo imagens, obedeço às ascéticas vozes de pessoas que me transmitiram conhecimentos, muitas já partiram para o além, e sinto que tudo valeu a pena, tendo em conta que a história é tão-só uma narração de factos que ficarão para a posteridade numa componente erudita onde se cruzam inabaláveis emoções.

Navegamos, imaginariamente, a bordo de uma traineira por águas oceânicas do litoral alentejano, conduzidos por um certificado mestre a orientar o leme da embarcação, sendo que a imensidade do Atlântico abraça a missão dos aventureiros, e ancoramos em Zambujeira do Mar. É certo que o historial desportivo ali vivido foi, e é, efémero, poucos são os feitos conhecidos, mas damos conta de que ali reside uma coletividade que dá pelo nome de Associação Cultural Recreativa Zambujeirense, fundada a 4 de julho de 1981 e que militou no Campeonato Distrital do Inatel de Beja. Todavia, importa viajarmos pelas calendas do tempo, saudarmos iniciativas primárias de uma juventude que outrora desafiou o mar, o areal e as noites de luar que obstinadamente ajudaram a rapaziada a patentear-se com o prazer do chamado vício do jogo da bola.

Contam os mais antigos que terminada a safra de uma luta diária travada pelos homens de então, sendo a pesca uma das suas infindáveis canseiras, o jogo da bola era uma das entretengas a que muitos dos jovens se aventuravam. A praia, em noites de luar, era um autêntico desassossego. Em noitadas de maré-baixa, e com o mar a dar descanso a um areal que se assemelhava a um enviesado recinto desportivo, a rapaziada divertia-se atrás de uma bola e lá se deliciava com o deleite que o jogo propiciava. Mais tarde, organizou-se uma equipa onde os equipamentos foram comprados pelos próprios jogadores, sendo os sapatos domingueiros uma ferramenta realmente relevante, tendo em conta a proteção das solas dos pés que pisavam os espaços impregnados de nocivos objetos que causavam moça.

Explicita-se, com fidelidade, que o primeiro campo de futebol foi nos Alteirinhos, uma herdade pertencente ao lavrador de nome Francisco Silva. No ano de 1964 o Zambujeirense apresentou uma equipa em desafios particulares formada com base em jogadores da terra, mas constatam os seus pergaminhos que com o evoluir dos tempos levou à deserção dos atletas locais para os clubes vizinhos. Zambujeira do Mar é um lugar primoroso onde o princípio do fenómeno desportivo remonta às épocas em que a sua praia fora símbolo de colossais alegrias futebolísticas. Agora, aquela localidade é palco do famoso festival do Sudoeste, um evento musical que concentra uma juventude que entusiasticamente delira com os sons musicais. Outros tempos!

Câmara de Odemira valoriza os seus agentes na área do desporto

QUALIFICAR A BASE ASSOCIATIVA

A Câmara de Odemira iniciou, ontem e hoje, um ciclo de formação em versão digital, dirigido aos agentes desportivos do seu concelho, nas suas diferentes graduações. Uma ação que se prolongará ao longo do ano e contemplará sete diferentes painéis.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Cumprindo o papel que lhe advém da realidade de integrar o programa de Município Amigo do Desporto e, enquanto membro da Rede Portuguesa de Municípios Saudáveis, a Câmara de Odemira deu início, na tarde de ontem, a uma ação de formação inscrita no seu plano de atividades na área desportiva, e dirigida a todos os treinadores, técnicos de exercício físico e diretores técnicos do concelho, com o objetivo de lhes proporcionar o acesso a formação diversificada e qualificar a base associativa e técnica, de onde resultará, por certo, um percurso, futuro, de partilha de boas práticas com todos os munícipes do seu vasto território concelhio.

O ciclo de formação será dinamizado através de videoconferências, sendo que todas as ações decorrerão em horário pós laboral, concretamente, entre as 20:00 e as 22:00 horas. As formações são certificadas pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, permitindo a atribuição de créditos para a renovação das cédulas desportivas dos participantes.

O evento formativo foi ontem iniciado, e prolongar-se-á até ao próximo mês de dezembro, versando a seguinte temática: "Nutrição Desportiva" (4 e 5 de fevereiro), "Saúde Mental no Desporto" (4 e 5 de março), "Desporto Escolar e articulação com o Desporto Federado" (6 e 7 de maio), "Planificação e organização de um clube desportivo" (1 e 2 de julho), "Desafio na monitorização de carga de treino em desportos de resistência" (2 e 3 de setembro), "Técnicas de comunicação e 'coaching' para treinadores" (4 e 5 de novembro) e uma preleção final sobre "Arbitragem" (3 de dezembro).

As inscrições são gratuitas para os residentes no concelho de Odemira, abrindo-se a eventual participação a formandos de fora do concelho, mediante o pagamento de 35 euros. "Acreditamos na importância da formação para todos aqueles que diariamente têm um papel determinante na promoção da atividade física no concelho. A aprendizagem contínua é, sem dúvida, fundamental para um maior conhecimento técnico, traduzindo-se em sequência, numa melhor resposta para a promoção da saúde e qualidade de vida da população", diz o vereador da Câmara de Odemira com o pelouro do desporto, Pedro Miguel Ramos, em entrevista ao "Diário do Alentejo"

Para conseguir esse objetivo, acrescentou, "são necessários recursos humanos capacitados para responder aos desafios dos diferentes escalões etários e das diferentes modalidades, tendo o município o papel de criar essas ferramentas de crescimento e valorização", concordando também que o município age não só perante o estatuto de Amigo do Desporto, mas também cumprindo uma vocação que vem do passado. "Ao longo dos anos, o movimento associativo tem tido um papel determinante na promoção da atividade física e desportiva no concelho de Odemira e tem sido, igualmente, parceiro fundamental numa estratégia que passa por investir na qualidade dos equipamentos desportivos, na realização de eventos desportivos regulares e inclusivos, e na aposta clara em modalidades estratégicas como o futebol de formação, atletismo, andebol, canoagem e BTT".

Nesse sentido, assegurou o autarca, "a prática desportiva no concelho tem contado com um vasto programa de apoios através do Prémio de Atividade Desportiva (que anualmente ronda os 200 mil euros de apoio) visando estimular a prática individual e, muito em especial, promover o associativismo desportivo. Esta estratégia enquadra-se naquilo que entendemos serem os desafios dos territórios de baixa densidade, como é exemplo o concelho de Odemira. A sua dinâmica passa por um trabalho contínuo, fomentando a formação e fixação no território de recursos humanos válidos".

O vereador Pedro Ramos recordou igualmente que "é também nesse sentido" que a autarquia integra os Municípios Amigos do Desporto e a Rede Portuguesa de Municípios Saudáveis, "numa lógica de desafio constante pela implementação de boas práticas na área do desporto e atividade física".

Quanto aos conteúdos temáticos e aos preletores, naturalmente que foram escolhidos criteriosamente. "A sessão de apresentação do ciclo de formações, por exemplo, contou com a participação de Tarantini, jogador profissional de futebol do Rio Ave F.C., mestrado em Desporto e vencedor do Prémio Ética no Desporto 2018. A sua palestra motivacional, bastante participada, abrangeu os diferentes conteúdos temáticos das sete formações previstas para o ano de 2021, sendo o mote perfeito para incentivar a inscrição do público-alvo".

Essa primeira sessão, cujo balanço o autarca considerou claramente positivo, "refletiu a exigência e a qualidade pretendidas para as seguintes sessões, que serão dinamizadas por empresa formadora certificada, através de técnicos especializados para cada temática". Finalmente, e projetando o impacto que o ciclo de formação terá na comunidade, Pedro Ramos assinalou que a autarquia pretendeu "aproveitar este período de menor atividade desportiva, para capacitar os técnicos em diferentes temáticas e reforçar um caminho que os clubes têm vindo a fazer ao nível dos processos de formação de atletas, tendo já no concelho vários clubes certificados enquanto entidades formadoras".

"Deste modo, esperamos que estas ações incentivem ainda mais esse estímulo pela procura da excelência formativa, promovam a melhoria da estrutura organizacional dos clubes e permitam contribuir para fortalecimento do conhecimento técnico", concluiu.

Para uma vítima de violência doméstica, estar 24 horas por dia exposta ao seu agressor aumenta o risco de sofrer violência física, sexual e psicológica.

Preste atenção aos sinais. Não se cale.

APAV 30 Anos
Apoio à Vítima

CHAMADA GRATUITA
116 006
LINHA DE APOIO À VÍTIMA
DIAS ÚTEIS DAS 09H-21H

Análises Clínicas

Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.

Dr. Fernando H. Fernandes
Dr. Armindo Miguel
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas
Acordo com beneficiários
da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;
Multicare; Advance Care; Médis

FAZEM-SE DOMICÍLIOS
Rua de Mértola, 86, 1.º
Rua Sousa Porto, 35-B
Telefs. 284324157 e 284325175Fax 284326470
7800 BEJA

Medicina dentária

FERNANDA FAUSTINO

Técnica de Prótese Dentária
Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina
Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmento. n.º 18, r/chão
Telef. 284326841
7800-064 ***BEJA***

Otorrinolaringologia

DR. J. S. GALHOZ

Ouvidos, Nariz e Garganta
Exames da audição

Consultas a partir das 14 horas
Praça Diogo Fernandes, 23 - 1.º F (Jardim do Bacalhau)

Telef. 284322527 **BEJA**

Urologia

AURÉLIO SILVA

UROLOGISTA

Hospital de Beja
Doenças de Rins e Vias Urinárias

Consultas às 6.ªs feiras na **Policlínica de S. Paulo**
Rua Cidade S. Paulo, 29
Marcações pelo telef. 284328023 **BEJA**

Hematologia Clínica

HEMATOLOGIA CLÍNICA

Doenças do Sangue

ANA MONTALVÃO
Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas
Terreiro dos Valentes, 4-1.º A 7800-523 BEJA Tel. 284325861

Cardiologia

MARIA JOSÉ BENTO SOUSA e LUÍS MOURA DUARTE

Cardiologistas

Especialistas pela Ordem dos Médicos
e pelo Hospital de Santa Marta

Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja *Policlínica de S. Paulo*
Rua Cidade de S. Paulo, 29

Marcações: *telef. 284328023 -* ***BEJA***

Oftalmologia

JOÃO HROTKO

Médico oftalmologista

Especialista pela Ordem dos Médicos
Chefe de Serviçode Oftalmologia
do Hospital de Beja

Consultas de 2.ª a 6.ª

Acordos com:

ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.

Marcações pelo telef. 284325059 Rua do Canal, nº 4 7800 **BEJA**

Dermatologia

TERESA ESTANISLAU CORREIA

MÉDICA DERMATOLOGISTA
BEJA
284 329 134

Marcações de Segunda a Sexta das 11h30 às 16h30
Rua Manuel de Brito Nº 4 – 1º Frt
7800-544 BEJA
E-mail: clinidermatecorreia@gmail.com
LISBOA
217 986 150
Marcações de Segunda a Sexta das 14h às 19h
Rua Julieta Ferrão, 10 – 3º Esqº
1600-131 LISBOA

Medicina dentária

CLÍNICA MÉDICA DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.

Rua Bernardo Santareno, nº 10
Telef. 284326965 BEJA

DR. JOSÉ BELARMINO
Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)
Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes
(Universidadede San Pablo-Céu, Madrid)

CONSULTAS *EM BEJA*
2ª, 4ª e 5ª feira das 14 às 20 horas

EM BERINGEL
Telef 284998261 ***6ª e sábado das 14 às 20 horas***

DRª PAULA RODRIGUES
Psicologia Clínica – Hospital de Beja

DRª MARIA GÓMEZ
Psiquiatria – Hospital de Beja

Psicologia

MARGARIDA RAMOS

PSICÓLOGA
Mestre pelo ISPA
HIPNOTERAPEUTA pelo:
London College of Clinical Hypnosis
Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO
PSICOTERAPIA
Consultório:
Rua General Humberto Delgado, nº 2 Beja
Marcações: 967665641
https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida

Clínica dentária

Dr. José Loff

Prótese fixa e removível
Estética dentária
Cirurgia oral/Implantologia
Aparelhos fixos e removíveis

VÁRIOS ACORDOS

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas

Rua de Mértola, n.º 43 – 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190

7800-475 BEJA

Fisioterapia

CENTRO DE FISIOTERAPIA DE BEJA

CONSULTAS DE FISIATRIA
Carlos Machado
Médico Fisiatra

TRATAMENTOS DE FISIOTERAPIA

Acordos com: ADSE, ADM, SAMS, SAD/PSP, PT/ACS,
SS da CGD, SAD/GNR, Comp. de Seguros

Marcações pelo tel. 284322778
Rua Sousa Porto, n.º 35 – BEJA

Estomatologia Cirurgia Maxilo-facial

DR. MAURO FREITAS VALE

MÉDICO DENTISTA

Prótese/Ortodontia

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local
Rua António Sardinha, 3, 1.º G

7800 **BEJA**

Clínica geral

GASPAR CANO

MÉDICO ESPECIALISTA EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA FAMILIAR

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503

Clinipax Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B – BEJA

CRB

Centro de Radiologia de Beja

Manuel Matias
Isabel Lima
Miguel Oliveira e Castro
Jaime Cruz Maurício
Maria José Sousa
Luís Moura Duarte

EMPRESA CERTIFICADA eiC ISO 9001

Radiologia convencional / Radiologia Dentária
Mamografia / Osteodensitometria
Ecografia / Eco-Doppler
Tomografia Computorizada (TAC)
Colonoscopia Virtual
Deteção precoce do cancro do pulmão
Ecocardiografia
Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESÃO: U.L.S.B.A. (Hospital de Beja e Centros de Saúde)

ACORDOS:
ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros

SEGUROS:
Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:
T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193
Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA
geral@crb.pt www.crb.pt

CENTRO DE IMAGIOLOGIA DO BAIXO ALENTEJO

TOMOGRAFIA COMPUTORIZADA (TAC)
ECOGRAFIA
MAMOGRAFIA
ECO DOPPLER

Médicos Radiologistas
António Lopes / Aurora Alves
Helena Martelo / Montes Palma
Médica Neuroradiologista
Alda Jacinto
Médica Angiologista
Helena Manso

Convenções:
ULSBA (SNS)

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ, SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS, MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:
Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329
Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas
e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA

Fisioterapia

Centro de Fisioterapia S. João Baptista, Lda.

Fisiatria
Dr. Carlos Machado
Neurocirurgia
Dr. Daniel Maymone
Psicologia Clínica
Dr.ª M. Carmo Gonçalves

Tratamentos de Fisioterapia
Classes de Mobilidade
e Reeducação do Pavimento Pélvico
Classes de Reeducação
Postural/Pilates
Reabilitação Pós-Mastectomia
Técnicas de Acupunctura
Tratamento por Ondas de Choque
Hidroterapia/Classes no Meio Aquático

Acordos com ADSE, SAD//GNR, SAD/PSP, Medicare, ADM, SAMS, Medis, Advance Care, Multicare, Allianze, Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA
cfisioterapiasjb@gmail.com

Clínica Médico-Dentária de S. FRANCISCO, LDA.

Gerência de Fernanda Faustino

Acordos: SAMS, ADMG, PSP, ADME, Portugal Telecom e Advancecare

Rua General Morais Sarmento, n.º 18, r/chão;
TEL. 284327260 7800-064 BEJA

Pediatria

Pediatria
CLÍNICA DA CRIANÇA DE BEJA UNIP, LDA
MÉDICA PEDIATRA : Drª CONSTANÇA BENTES
Novo Horário da CCBeja
2ª Feira e 5ª Feira: 14h às 20h
3ª Feira e 4ª Feira: 10H às 12h e das 14h às 20h
6 ª Feira: 10h às 13h

Contatos: Clínica - 284 326 752
Tel. de Apoio Pediátrico: 965 207 043
E-Mail: ccbeja@live.com.pt
Morada: Rua da Olivença nº19, 7800-294 Beja

HENRIQUE

(De Beja)

Conhecemo-nos em Lisboa,
Jardim da Estrela.
(período da Páscoa de 1959)

Desejo que estejas bem
Guida

hbeja36.37glisboa43@gmail.com

Clinipax
PELA SUA SAÚDE

- **Angiologia e Cirurgia Vascular:** Drª Helena Manso Ribeiro
- **Cirurgia Geral:** Dr. Gabriel Gomes
- **Cirurgia da Obesidade:** Dr. Octávios Viveiros
- **Dermatologia:** Drª Ana Filipe Monteiro
- **Endocrinologia:** Drª Ana Sousa Martins | Dr. Dinis Reis
- **Enfermagem:** Enfª Maria J. Espanhol
- **Gastrenterologia:** Dr. Ricardo Lopes
- **Ginecologia e Obstetrícia:** Drª Luisa Guerreiro
- **Hematologia:** Drª Ana Montalvão
- **Medicina Geral e Familiar:** Dr. Gaspar Cano
- **Medicina Interna:** Dr. Quintino Biague
- **Medicina Tradicional Chinesa:** Dr. Rafael Lopes
- **Neuro Cirurgia:** Drª Dr. Rui Rato
- **Nutricionismo:** Drª Verónica Túbal
- **Ortopedia / Traumatologia:** Dr.André Ramos
- **Otorrinolaringologia:** Dr. Guedes Damaso
- **Pediatria:** Drª Isabel Brito Lança - **Linha de Apoio: 284 092 503**
- **Pneumologia:** Drª Ana Cristina Duarte
- **Preparação Pré e Pós Parto:** Enfª Maria José Espanhol
- **Psicologia Clinica:** Dr. Francisco Barrocas | Drª Margarida Mendes
- **Psicologia Educacional** (Orientação Vocacional): Drª Madalena Espinho
- **Psiquiatria:** Dr. Filipe Godinho
- **Psiquiatria da Infância e da Adolescência:** Drª Isabel Santos
  Drª Cláudia Gomes Cano
- **Reumatologia:** Dr. Fernando Pimentel
- **Senologia – Cirurgia da Mama:** Dr. Luís Mestre
- **Terapia da Fala:** Drª Ana Margarida Soares
- **Terapia Sexual:** Drª Helena Pinheiro
- **Urologia:** Dr. Francisco Fino Correira

WWW.CLINIPAX.PT
há 10 anos
QUE A SUA SAÚDE É A NOSSA PRIORIDADE

SEDE: Rua de Angola, 1 – Loja 1 | 7800 BEJA || MARCAÇÕES ATRAVÉS DOS CONTATOS: Telef: 284 092 243 || Tlm: 91 7716528 | 91 6203481

FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

PAX-JÚLIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...

BEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIA FRANCISCA CONDUTO**, de 95 anos, natural de Trindade - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 28 de Janeiro, no cemitério de Beja.

BERINGEL

†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOÃO FERREIRA LANEIRO**, de 73 anos, natural de Vila Nova de São Bento - Serpa, casado com a Exma. Sra. D. Elvira Cândida Chainho Laneiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 29 de Janeiro, no cemitério de Beringel.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOSÉ GUERREIRO RITA**, de 85 anos, natural de Santa Cruz - Almodôvar, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 29 de Janeiro, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. ISOLINA DA SILVA LOURENÇO OLIVEIRA DA SILVA**, de 90 anos, natural de São Brissos - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 29 de Janeiro, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

SALVADA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **MARIANO DIAS RAMOS**, de 94 anos, natural de Salvada - Beja, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 29 de Janeiro, no cemitério de Salvada.

BEJA / VILA DE FRADES

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. CAETANA JOSEFINA NIFRÁRIO RODRIGUES**, de 89 anos, natural de Vila de Frades - Vidigueira, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 30 de Janeiro, no cemitério de Vila de Frades.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **ARMANDO GASPAR CORREIA**, de 58 anos, natural de Santa Justa - Lisboa, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 30 de Janeiro, no cemitério de Beja.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **PEDRO MIGUEL LUCERO ESTEVENS DA SILVA**, de 23 anos, natural de Santiago Maior - Beja, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 30 de Janeiro, no cemitério de Beja.

MOMBEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIA CARLOTA SOTA FILIPE**, de 101 anos, natural de Cuba - Cuba, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 31 de Janeiro, no cemitério de Mombeja.

SANTA VITORIA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. ANGELINA MAGRO NEVES ROCHA**, de 76 anos, natural de Santa Vitória - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 31 de Janeiro, da Casa Mortuária de Santa Vitória, para o cemitério local.

CORROIOS / SALVADA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **BARTOLOMEU ANTÓNIO RALHA MAGRO**, de 82 anos, natural de Salvada - Beja, solteiro. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, no cemitério Ferreira do Alentejo, onde foi cremado.

BEJA / Nª SENHORA DAS NEVES

†. Faleceu o Exmo. Sr. **MANUEL JOAQUIM**, de 77 anos, natural de Nossa Senhora das Neves, . O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério de Nossa Senhora das Neves.

SANTA CLARA DE LOUREDO

†. Faleceu o Exmo. Sr. **MANUEL DOS ANJOS MODESTO**, de 67 anos, natural de Santa Clara do Louredo - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Maria Augusta Carapinha Coelho Modesto. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, da Casa Mortuária de Santa Clara do Louredo, para o cemitério local.

CABEÇA GORDA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **ANTÓNIO FRANCISCO MIGUEL**, de 71 anos, natural de Mértola - Mértola, casado com a Exma. Sra. D. Maria Luísa Godinho Sabino. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, no cemitério da Cabeça Gorda.

BEJA

†. Faleceu o Exmo. Sr. **ANTÓNIO JOSÉ XABREGAS MAIA**, de 60 anos, natural de Salvador - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Ângela Maria de Sousa Costa Rosa. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

SANTA CLARA DE LOUREDO

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. AUGUSTA GABRIELA DOS SANTOS VICTORINHA**, de 86 anos, natural de Santa Clara de Louredo - Beja, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 01, no cemitério de Santa Clara de Louredo.

BEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. VITÓRIA MARIA BÓTO RAPOSO**, de 83 anos, natural de Baleizão - Beja, casada com o Exmo. Sr. Manuel Francisco Estevens. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 02, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério desta cidade.

BEJA

†. Faleceu a Exma. Sra. **D. ILDA MARQUES MORENO**, de 100 anos, natural de Santa Maria da Feira - Beja, solteira. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 02, da Igreja do Paroquial do Carmo, para o cemitério de Beja.

BEJA

†. Faleceu a Exma. Senhora **MARIANA PERPÉTUA TOMAZ CARAPINHA**, de 77 anos, natural de Nossa Senhora das Neves - Beja, casada com o Exmo. Senhor Manuel João Carapinha. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 04, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério de Ferreira do Alentejo, onde foi cremada.

PAX-JÚLIA AGÊNCIA FUNERÁRIA

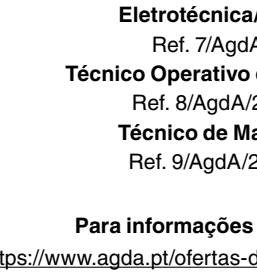
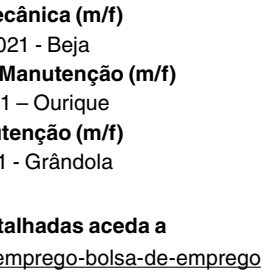
Às famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências

PME líder '12 PME líder '13 PME excelência '13

Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 * 7800-143 BEJA
Loja 2: Avª Miguel Fernandes, 10 * 7800-396 BEJA
Telef. : 284311300 Telem.: 967311300 Fax.: 284311309
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia

PAX-JÚLIA AGÊNCIA FUNERÁRIA

NUNES
AGÊNCIA FUNERÁRIA
De: Manuel Nunes
Rua da Cadeia Velha nº 15 - Beja
284 311 170 / 962 946 642

Vila Nova da Baronia	Salvada
†. Faleceu a Exma. Sra. D. Joaquina Maria Canelas Fernandes, 86 anos, viúva, natural de Vila Nova da Baronia - Alvito. Óbito: 27/01/2021 O funeral realizou-se no dia 28/01/2021 para o cemitério de Vila Nova da Baronia. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.	†. Faleceu a Exma. Sra. D. Izilda Maria Palma Guerreiro, 94 anos, viúva, natural de Cabeça Gorda - Beja. Óbito: 27/01/2021 O funeral realizou-se no dia 28/01/2021 para o cemitério da Salvada. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.
Santo Aleixo da Restauração	**Beja**
	
†. Faleceu o Exmo. Sr. José Maria Sargento da Cruz Valente, 56 anos, casado com a Exma. Sra. D. Mariana dos Santos Perdigão, natural de A-do-Pinto - Serpa Óbito: 27/01/2021 O funeral realizou-se no dia 30/01/2021 para o cemitério de Santo Aleixo da Restauração. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.	†. Faleceu a Exma. Sra. D. Maria Vitória Pereira Chicharo, 84 anos, divorciada, natural de Salvador - Beja Óbito: 01/02/2021 O funeral realizou-se no dia 02/02/2021 para o cemitério de Beja. A família agradece todas as demonstrações de pesar pelo seu ente querido.

Serviço digno e em tudo distinto
Apresentamos as nossas mais sentidas condolências às Famílias enlutadas.
Serviço permanente dia e noite
www.funerarianunes.com
www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes

Semanário Regionalista Independente
Diário do Alentejo

Seja o primeiro a ler o seu "DA" todas as semanas no computador, telemóvel ou *tablet*

Faça já a assinatura digital por 15 euros/ano

Para fazer a sua assinatura aceda a *www.diariodoalentejo.pt* e preencha o formulário *on line*

Diário do Alentejo n.º 2024 de 05/02/2021 Única Publicação

ÁGUAS PÚBLICAS DO ALENTEJO
Grupo Águas de Portugal

A AgdA - Águas Públicas do Alentejo, S.A., empresa do Setor do Ambiente, integrada em Sólido Grupo Económico, pretende recrutar para as seguintes funções:

Técnico Superior de Compras e Logística (m/f)
Ref. 3/AgdA/2021 - Beja
Técnico Administrativo de Secretariado e Apoio (m/f)
Ref. 4/AgdA/2021 - Beja
Técnico Operativo de Sistemas de Abastecimento de Água e Saneamento de Águas Residuais (m/f)
Ref. 5/AgdA/2021 - Beja
Técnico Operativo de Sistemas de Abastecimento de Água e Saneamento de Águas Residuais (m/f)
Ref. 6/AgdA/2021 – Ourique
Técnico Superior de Manutenção – Engenharia Eletrotécnica/Mecânica (m/f)
Ref. 7/AgdA/2021 - Beja
Técnico Operativo de Manutenção (m/f)
Ref. 8/AgdA/2021 – Ourique
Técnico de Manutenção (m/f)
Ref. 9/AgdA/2021 - Grândola

Para informações detalhadas aceda a
https://www.agda.pt/ofertas-de-emprego-bolsa-de-emprego

Lagoalva
Admite Electricista

Condições:
- Noções de electricidade geral, arrancadores de grupos de bombagem, automatismos, ligação de programadores, electroválvulas, solenoides e afinação de pilotos em válvulas hidráulicas;
- Grande Motivação e disponibilidade
- Carta Condução e residência em Beja ou arredores

Oferece-se:
- Formação contínua, Bom ambiente de trabalho;
- Integração numa empresa de referência no mercado;
- Integração em equipa jovem, bem formada, responsável com elevado nível de polivalência e autonomia.
- Salário compatível com a função e experiência apresentada;
- Desafio aliciante.

Envio de Currículos para geral@lagoalva.pt
Contacto Telefónico: 243559070

A sua dádiva de SANGUE é URGENTE

Associação Humanitária dos Dadores de Sangue de Beja

OS JORNAIS E REVISTAS NÃO TRANSMITEM O VÍRUS
COMBATEM O VÍRUS DA DESINFORMAÇÃO

CONTINUE A SERVIR INFORMAÇÃO

SEJA UM EMBAIXADOR DA LIBERDADE DE IMPRENSA

DE ACORDO COM A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE E A DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE, NÃO HÁ QUALQUER EVIDÊNCIA OU CASO DE CONTAMINAÇÃO PROVOCADO PELO CONTACTO COM JORNAIS E REVISTAS EM PAPEL.

60 ANOS 1960 2020 ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE IMPRENSA

media veritas

+ INFO WWW.APIMPRENSA.PT

AIC Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

ETC.

LIVRO

MARTA LOURO

O CINEMA DO POVO. COMO SALAZAR USOU O CINEMA PARA PROMOVER O REGIME

Chama-se Maria do Carmo Piçarra, nasceu há 50 anos no Convento das Carmelitas em Moura e é escritora e professora. Recentemente lançou o livro "Projetar a Ordem. Cinema do Povo e Propaganda Salazarista 1935- 1954".

D.R.

Vive em Lisboa, mas sempre teve "ligações fortes ao Alentejo. A dada altura" da sua vida trocou a capital de Portugal pela Serra d'Ossa, no Alto Alentejo. Durante seis anos, entre

2000 e 2006, viveu na Quinta de Monte Virgem, mas um incêndio, trocou-lhe as voltas: "todas as nossas coisas arderam, menos a casa". Nessa altura regressou a Lisboa.

Estudou jornalismo e durante muitos anos colaborou com jornais. Foi crítica de cinema. Em 2000, quando estava a fazer o mestrado com orientação do jornalista Mário Mesquita [antigo diretor do "Diário de Notícias"], pediu uma bolsa de investigação – que na altura se chamavam bolsas artísticas – à Fundação Calouste Gulbenkian para estudar de que modo o Estado Novo usou uma coleção de filmes de atualidade cinematográfica, chamada "Jornal Português", para se promover e fazer propaganda.

"Entretanto, ainda em 2006, trabalhei durante dois anos com crianças e jovens de um bairro de barracas habitado por pessoas de nacionalidade cabo-verdiana e guineense. Percebi que existia um racismo muito grande e, a partir daí, a minha pesquisa começou a ter mais inflexão relativamente às questões do colonialismo e como é que o Estado Novo usou o cinema para mostrar que Portugal não era um país racista".

Para Maria do Carmo Piçarra, o jornalismo "era muito imediatista". Por isso, acabou por se especializar em cinema. Fez uma tese de doutoramento – que depois foi publicada em livro, em 2015 – denominada "Azuis Ultramarinos", sobre a propaganda colonial e a censura durante o Estado Novo e realizou um pós-doutoramento sobre como é que colonialismo português foi filmado no cinema.

Ainda em 2006, a também professora, publicou a obra "Salazar vai ao cinema" e entre 2013 e 2015 editou uma trilogia de livros que reúnem textos sobre Angola, escritos por vários autores. O primeiro volume retrata "como é que Angola foi filmada no período em que era um território não independente". O segundo baseia-se na forma como "Angola começou a ser filmada durante as lutas de libertação a partir de 1961". O terceiro, e último volume, fala sobre o cinema feito depois da independência de Angola.

Pelo meio escreveu outras obras, sempre debruçadas sobre o cinema. "Sou uma pessoa que trabalha muito com arquivo".

A DOUTRINAÇÃO DO REGIME

A atividade do cinema do povo, assegurou Maria do Carmo Piçarra em entrevista ao "Diário de Notícias", foi permeável a mudanças, ideológicas e de foco, ocorridas. "Se até 1943 a propaganda anticomunista e a promoção das casas do povo é central, e se mostram sobretudo filmes de sustentação da ordem e filmes, documentais e de ficção, de propaganda explícita ao Estado Novo e ao franquismo, com a vitória aliada em perspetiva, na guerra, há um aligeiramento na programação do cinema ambulante". A partir dessa altura, as "comédias à portuguesa" ou "filmes regionais" passam a ser articulados, na programação feita por Félix Ribeiro, com as atualidades e documentários de propaganda. "Mantêm-se, porém, as sessões de doutrinação, pelos responsáveis da União Nacional, Legião Portuguesa, das Casas do Povo, pelos padres, professores e figuras notáveis das localidades visitadas". Mais frequentes no norte do país. Mais raras no Alentejo.

Quando estava a terminar o pós-doutoramento, Maria do Carmo Piçarra encontrou Torre do Tombo, em Lisboa, documentação sobre cinema do povo. "Isso interessou-me muito". E foi aí que surgiu a ideia para a sua mais recente obra intitulada "Projetar a Ordem. Cinema do Povo e Propaganda Salazarista 1935- 1954", na qual retrata a história do cinema e da propaganda salazarista.

Em entrevista ao "Diário do Alentejo", a autora explica que em 1935 surgiu o denominado "cinema do povo". A ideia era apresentar, primeiro em Lisboa, nas juntas de freguesia, nos sindicatos e ao ar livre, nos meses de verão, filmes de propaganda, "acompanhados de doutrinação por pessoas ligadas ao regime. Em geral eram filmes anticomunistas".

"Quando começou a Guerra Civil espanhola, no verão de 1936, existiu a necessidade dessa propaganda andar pelo país. A partir de dezembro de 1936 e até 1954, dois camiões ambulantes, com autonomia do ponto de vista energético, começaram a andar por Portugal a mostrar filmes de propaganda sobre o Estado Novo".

"A diretiva" explica, "era levar o cinema a aldeias e a populações onde não houvesse cinema nem eletricidade. Isso causou um grande impacto. Existem relatos de pessoas que fugiam quando as sessões começavam".

Nas 420 páginas organizadas cronologicamente, é também retratado, que "enquanto no norte do país, as sessões de cinema tinham quase sempre pessoas disponíveis para ir fazer a doutrinação – que geralmente era um professor, um padre, o presidente da União Nacional Local, ou o chefe da Legião Portuguesa – no Alentejo isso raramente acontecia".

As sessões de cinema ambulante passaram "um bocadinho por todo o lado". No Baixo Alentejo passaram por locais como Moura, Serpa, Baleizão e na Mina de São Domingos, em Mértola. Na obra, Maria do Carmo Piçarra explica como era o dia a dia das equipas que andavam nos camiões. Essas equipas eram compostas por um motorista, um projecionista e um ajudante. Todos eles tinham uma baixa escolaridade e eram mal pagos. Muitas vezes existiam problemas de alcoolismo.

Conta também como é que este dispositivo do cinema do povo cria uma cinemateca, isto é, uma coleção de filmas, que está na origem da criação da cinemateca portuguesa. "Em 1948, quando saiu a primeira lei do cinema, foi criada a cinemateca nacional. Quem estava à frente desta programação era José Félix Ribeiro, que ainda hoje dá nome à sala maior da cinemateca portuguesa, dirigida pelo próprio após o 25 de Abril. Ele é uma daquelas figuras que ascende durante o Estado Novo e que é consagrada depois do 25 de Abril. Ainda hoje se mantém esta reverência. Durante muitos anos foi o principal historiador de cinema em Portugal. Houve uma altura em que não se escrevia nenhum texto de investigação ou sobre a história do cinema em Portugal, sem se citar o José Félix Ribeiro", refere.

No livro, a autora conta estas e muitas outras histórias situadas no período entre 1935 e 1954. Maria do Carmo Piçarra quer apresentar a obra pelos diversos cineclubes que existem no país.

ARTES

LUÍS MIGUEL RICARDO

"MUSEU DA BANDA DESENHADA DE BEJA DOTARÁ A CIDADE DE UMA OFERTA ÍMPAR NO PAÍS"

"Quem sou? Bom, na verdade nunca pensei muito nisso. Acho que sou uma pessoa que ama a liberdade, que estima os amigos e que aprecia, acima de tudo, a capacidade de entrega do ser humano aos outros, a capacidade de ser solidário. Em traços largos, será isso. Sou também uma pessoa cheia de defeitos". Assim se define Paulo Monteiro, um dos nomes da banda desenhada contemporânea aqui, ali e além. Um nome que colocou Beja no mapa da BD, que já correu o mundo ao sabor dos traços que fazem nascer personagens, dos traços que lhes dão personalidade, voz e emoções. Paulo Monteiro nasceu em Vila Nova de Gaia, em 1967. Licenciou-se em Letras, pela Universidade de Lisboa, em 1991, e um ano mais tarde atracou a Beja. "Esta última data é a mais importante porque foi, sem dúvida, a melhor coisa que fiz na vida! Em Beja aprendi a amar profundamente o Alentejo. Encontrei amigos, projetos, sonhos e a possibilidade de os concretizar. Beja deu-me quase tudo"

D.R.

Como foi descoberta a vocação para a banda desenhada?
Cresci rodeado de livros e de revistas de banda desenhada, graças aos meus pais e ao meu irmão. Para mim, a BD fazia parte do quotidiano. E era uma coisa mágica! Num minuto estava no Alasca, no outro na Malásia ou na Ilha de Páscoa! Os livros e revistas de BD e os livros de aventuras do Emilio Salgari, e também do Jack London e do Stevenson, entre outros, foram responsáveis por essa descoberta. Li "O Apelo da Selva" aos 9 anos e a "Ilha do Tesouro" aos 10. Nessa altura já tinha lido e relido as aventuras de Tintin e de Blake & Mortimer, o Tenente Blueberry, as aventuras do agente espácio-temporal Valérian, e por aí afora. Tinha a cabeça cheia de sonhos! A possibilidade de contar histórias com imagens fascinou-me desde sempre. A partir de certa idade, passei também a preferir autores mais intimistas, como Altarriba e Kim, David B, Craig Thompson, Gipi, Sacco, Tanigushi, etc. Hoje são esses autores que me fascinam. Falo da área específica da BD, claro. Tenho também os meus poetas e escritores.

Em que circunstâncias se dá a sua chegada a Beja?
Quando o meu querido amigo Rui Aldegalega veio trabalhar para Beja, em 1991, vim visitá-lo. Foi paixão à primeira vista. Nessa altura estava longe de vir para Beja. Estava a fazer o mestrado na Universidade de Lisboa e a desenhar para a revista "Rua Sésamo". Mais tarde acabei por concorrer para bolseiro, ao Museu Regional, e fiquei. Nesse mesmo dia desisti de tudo e vim para Beja. A minha cidade. Tinha 24 anos, tenho 53.

Viver no Alentejo é fonte de inspiração ou fonte de limitações para a carreira?
Foi sempre uma fonte de inspiração! Há uma gentileza nas pessoas, uma educação, uma forma de estar, que me faz sentir verdadeiramente em casa. Nem sei se saberia viver noutro sítio! O resto é menos importante.

Dos trabalhos desenvolvidos ao longo da carreira, quais os mais marcantes?
Antes do mais, e em relação ao trabalho que faço na Câmara de Geografia e Ciências da Natureza, fiz cenários e figurinos para teatro, teatro de sombras chinesas, teatro de fantoches, participei em escavações arqueológicas, fiz a curadoria de muitas dezenas de exposições, publiquei vários livros, realizei um filme de animação. Tenho tido muita sorte.

E dessa vida gorda em criações artísticas, alguma que seja mais relevante?
O trabalho mais relevante que realizei foi o livro "O Amor Infinito que te tenho". O livro acabou por ser um sucesso em Portugal e na Europa. Tive vários prémios e visitei muitos países. Uma altura incrível da minha vida. Sairá a quarta edição portuguesa no mês que vem. O livro foi publicado em várias línguas e está à venda em muitos países.

Que papel desempenham as novas tecnologias na sua vida e carreira?
Sou um bocado inapto em relação às tecnologias. Mas tenho Facebook. Gosto muito! Reencontrei colegas e amigos de quem não sabia há anos. Já fomos almoçar e jantar. Há uns meses estive em Alverca com amigos que não via desde os meus 17, 18 anos. Estão todos velhos e gordos, como eu. Tenho muitos amigos no Facebook. Amigos que têm interesses em comum com os meus: cinema, BD, pintura, literatura. Ah, e também não me importo de ver fotografias de gatos, de pequenos-almoços ou de paisagens espetaculares! Nem tudo é bom, claro. Também tenho tido conversas "tóxicas". Custa-me perceber a crueza e a falta de humanidade de certas propostas políticas. Em relação ao meu percurso como autor, ponho uns desenhos de vez em quando.

Qual o panorama da banda desenhada em Portugal e no Alentejo?
Posso dizer que a banda desenhada passa um bom momento, embora seja muito difícil viver da BD no nosso país, são poucos os autores que o conseguem. Mas é fácil viver para a BD. Há editores, há interesse, crítica especializada, eventos. Beja, o Festival Internacional de Banda Desenhada de Beja. É um projeto maravilhoso. Nas últimas edições temos rondado os 10 mil visitantes. Gosto particularmente do festival, porque, para além de ser um tema que me apaixona, é também uma oportunidade fantástica de trabalhar de perto com uma série de amigos maravilhosos. O festival é organizado pelo município, mas tem muita gente a ajudar. Não poderia ser de outra maneira. Na verdade, gostei muito de tudo o que fiz ao longo da vida: trabalhei nas vindimas, passei filmes de Buster Keaton e Charlot, de terra em terra, escrevi para a rádio e para os jornais, trabalhei no Cais Marítimo de Alcântara, toquei guitarra em lares, fui professor de O problema, que é também o problema do romance, da poesia, do ensaio, é que o mercado é pequeno. Do ponto de vista económico, isso é mau. Do ponto de vista artístico, é maravilhoso, porque os autores trabalham sem qualquer tipo de imposição. O Alentejo, nomeadamente o Baixo Alentejo, integra-se neste contexto. Com a vantagem de existirem alguns equipamentos e estruturas que prestam apoio aos autores, publicando e divulgando o seu trabalho. Falo da Bedeteca de Beja, claro. Ainda no final do ano fizemos uma enorme exposição em Bruxelas. Em dezembro fizemos várias intervenções sobre Beja e sobre a BD portuguesa para o Brasil, para a Bélgica e para a França. Além das iniciativas do município de Beja que decorreram e decorrem um pouco por todo o país. A Bedeteca é um equipamento municipal muito dinâmico. Além deste trabalho, reunimo-nos todas as quartas-feiras, no Ateliê de BD. Neste momento somos 18 autores.

Como tem vivido este período de pandemia?
Tudo isto é surreal e acarreta um enorme sofrimento para a maioria das pessoas. Espero bem que passe depressa! Eu tenho continuado a trabalhar, na Câmara, claro. Mudei agora de divisão e, entre outras coisas, dedicar-me-ei ao projeto do futuro Museu da Banda Desenhada de Beja, um projeto do município que dotará a nossa cidade de uma oferta ímpar no país. Basta pensar no Bordalo Pinheiro, no Almada Negreiros, no Stuart de Carvalhais, no Carlos Botelho, no Eduardo Coelho, entre outros, para ver a qualidade da nossa BD. O país merece e precisa deste museu. Esta oferta, aliada à Bedeteca e ao Festival, fará de Beja o centro deste movimento.

E enquanto criador de BD, o que está na "manga" a curto e médio prazo?
Estou a escrever e a desenhar um novo livro: o "Estrela". Ganhei uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura para me dedicar ao livro nos próximos meses. Espero que corra tudo bem. E que seja um bom livro.

TEATRO

TEATROS SOBEM O PANO 'ONLINE'

O Teatro Nacional de S. João, do Porto, e o D Maria II, em Lisboa, têm transmissões 'online' das peças que tinham em cartaz e que viram as sessões canceladas devido ao confinamento decretado no passado dia 14.

A peça "As Três Irmãs", de Anton Tchekhov, concebida e dirigida por Carlos Pimenta, e "Autópsia", a mais recente criação da coreógrafa Olga Roriz, são as propostas 'online' do teatro nacional do Porto, enquanto o D. Maria II iniciou as transmissões com "Carta", a nova criação de Mónica Calle, que teve duas representações em antestreia antes de decretado o confinamento.

O Teatro S. Luiz e o Teatro do Bairro também divulgaram as coordenadas de acesso aos seus espetáculos 'online', juntando-se a propostas já conhecidas de companhias como o Teatro da Garagem e o Teatro Aberto.

Do Teatro Nacional D. Maria II, "Carta" estará disponível para visualização até 12 de fevereiro, e os bilhetes, a três euros, estão disponíveis na plataforma Bilheteira OnLine (Bol). O teatro voltou a abrir a "Salinha Online", com a exibição na plataforma Vimeo de mais de 20 histórias pensadas para a infância, realizadas por diversos artistas, a partir das suas próprias casas. Ao longo deste período continuarão ainda em cena "Teatra", o 'podcast' do D. Maria II, onde quinzenalmente Mariana Oliveira convoca diversas personalidades da cultura para uma conversa sem guião.

No S. Luiz, com o confinamento geral, "Cabaret Repórter X", o espetáculo de teatro musical de André Murraças, "mudou-se da Sala Mário Viegas para a sala de todos os espetadores", ficando em cena até 7 de fevereiro, às 19:30 horas, de terça a sábado, e às 16:00 horas, ao domingo. Os bilhetes, no valor de três euros, também estão à venda na venda plataforma Bol.

Quanto ao Teatro do Bairro e a "Yerma" e "Destruição de Sodoma", as duas primeiras peças de Federico García Lorca, da "Trilogia Dramática da Terra Espanhola", já estão disponíveis para sere vistas em 'streaming', até dia 7 de Fevereiro. Com encenação de António Pires, as duas peças foram estreadas na sala do teatro e na galeria Graça Brandão, em vésperas do início do confinamento.

"Pela segunda vez, por imposição das novas medidas de contenção da pandemia, fechámos portas, suspendemos a programação prevista e todas as atividades presenciais", escreve o teatro.

"Yerma" e "A Destruição de Sodoma" são os dois primeiros espetáculos de Federico García Lorca que António Pires encena da Trilogia Dramática da Terra Espanhola, que inclui ainda "Bodas de Sangue", um ciclo previsto decorrer em três palcos diferentes, assegurado pelo mesmo elenco, de doze atores, como se de uma única obra se tratasse.

"Impedidos de cumprir a função e, porque nos orgulhamos do trabalho feito, queremos fazê-lo, ainda assim, mesmo à distância e de forma diferente, e com a certeza de que neste intervalo seguiremos em frente, juntos e em segurança", escreveu o Teatro do Bairro, na divulgação da apresentação em 'streaming'.

Estas apresentações 'online' juntam-se a outras já anunciadas como a minissérie do Teatro Aberto, a estrear no próximo dia 26, com quatro episódios em vídeo e em 'podcast', realizados por João Lourenço e Nuno Neves. A minissérie é composta por conversas, conduzidas pelo jornalista Tiago Palma, com as protagonistas da peça "Só eu escapei", suspensa devido ao confinamento: Maria Emília Correia, Cataria Avelar, Márcia Breia e Lídia Franco.

"O espetáculo 'Só Eu Escapei' regressará logo que seja possível ao palco do Teatro Aberto, mas, até lá, os nossos espetadores do teatro vão poder conhecer melhor cada uma das atrizes que interpretam as quatro personagens", lê-se no comunicado do teatro.

O Teatro da Garagem, por seu lado, também anunciou a exibição da nova versão de "Black Stars", na plataforma digital RTP Palco, onde se estreou na quinta-feira. "Black Stars" é a 100.ª criação do Teatro da Garagem e, segundo diretor artístico da companhia, Carlos J. Pessoa, uma peça na qual "estrelas negras" buscam o reconhecimento. Com texto e direção artística são de Carlos J. Pessoa, "Black Stars" estreou-se em fevereiro de 2018, no Spazio Teatro No'hma (em Milão, Itália), e recebeu, nesse ano, a Menção Honrosa no Prémio Internacional Il Teatro Nudo di Teresa Pomodoro.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA

RARIDADES EM LEILÃO

Uma carta, até hoje, única, enviada de Tamel (Barcelos) para Viseu é uma das várias preciosidades que amanhã e depois vão estar em disputa no leilão organizado pela firma P. Dias; trata-se do lote número 359, que se compõe apenas de uma carta pré-filatélica, não datada, que foi enviada de Tamel para Lamego, entre 1833 e 1835, período das lutas liberais que opuseram D. Pedro IV (regressado do Brasil) e o seu irmão mais novo, D. Miguel. No rosto apresenta a marca Tamel, a vermelho (LF TAM-1) e o porte "20", também a vermelho e aplicado em Tamel.

Na descrição desta peça, no catálogo, chama-se a atenção para a curvatura superior do "2" (do porte), o que distingue este "selo fixo" (1) de outros, da mesma época, muito semelhantes.

A localidade de Tamel pertencia à comarca de Viseu, uma das quatro criadas entre 1883 e 1835 por D. Pedro IV. A de Viseu foi em 1835. Portanto, a carta está perfeitamente identificada entre estas datas. Pelo texto incluso no interior sabe-se que o castelo é o de Neiva, na freguesia de S. Leocádia de Tamel, e a população estava obrigada a prestar serviço no castelo por ordem real. Curiosamente, o texto denuncia as práticas exageradas do carcereiro do castelo. Tem o valor de catálogo de 2600 euros e vai à praça pelo preço base de 1400 euros.

Seguem-se mais alguns lotes de que também não se conhece nenhum outro exemplar, como o são todos os que passamos a apresentar.

Lote 335: carta pré-filatélica do RS (Real Serviço, isenta de porte), marca "SEGURO/LEIRIA" (LF LRA-S1), enviada de Leiria para Lisboa, assinada no verso, batida a vermelho e datada de 7/2/1825. Tem o preço base mil euros.

Lote 648: prova do cunho do desenho da partida da frota de Vasco da Gama para a Índia (emissão de 1898), não denteada, sem taxa e território, impressa em talhe-doce, colada sobre cartão de apresentação e número de obra. Tem o preço de 1200 euros.

Lote 689: desenho original para o centro da emissão de 1937 "Motivos Locais da Companhia de Moçambique". Tem o preço de 1200 euros.

Interessante e muito rara é também a tira horizontal de quatro exemplares, do selo de cinco réis, castanho avermelhado (n.º 1 catálogo Mf), cunho I, margens curtas e carimbo de barras "1" - (Lisboa). É o lote 733 e o vai a leilão pelo preço base de 1100 euros.

Os 1480 lotes vão estar em disputa nas instalações da empresa, rua António Pedro, n.º 46 – 2.º andar em lisboa. O catálogo pode ser consultado em http//www.leiloespdias.pt

(1) Nome que se dava ao porte, (por vezes manuscrito) aplicado nas cartas antes do aparecimento do selo em Portugal (1/7/1853).

Diário do Alentejo

Nº 2024 (II Série) | 5 fevereiro 2021

FUNDADO A 1/6/1932 POR CARLOS DAS DORES MARQUES E MANUEL ANTÓNIO ENGANA PROPRIEDADE DE CIMBAL – COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO BAIXO ALENTEJO
Presidente do Conselho Intermunicipal Jorge Rosa | **Edição, direção e redação** Praceta Rainha D. Leonor, 1 – **7800-431 BEJA** | **Telefone** 284 310 165 **E-mail** jornal@diariodoalentejo.pt **Publicidade e assinaturas** 284 310 164 **E-mail** comercial@diariodoalentejo.pt | **Assinaturas** País €32,00 (anual) Europa €41,50 (anual) Resto do Mundo €54,50 (anual) | **Diretor** Luís Godinho (CP935A) | **Redação** Aníbal Fernandes (CP5938A), Carlos Lopes Pereira (CP1999A), José Serrano (CP3019A), Nélia Pedrosa (CP2437A) | **Fotografia** José Ferrolho | **Cartoons e ilustração** António Paizana, Paulo Monteiro, Pedro Emanuel Santos, Susa Monteiro | **Desporto** Firmino Paixão | **Colunistas e colaboradores** António Nobre, Francisco Marques, Geada de Sousa, Jorge Feio, José Saúde, Júlia Serrão, Luís Miguel Ricardo, Maria Antónia Goes, Né Esparteiro, Rute Reimão, Vítor Encarnação | **Opinião** Ana Matos Pires, Ana Paula Figueira, Hugo Cunha Lança, Luís Covas Lima, João Mário Caldeira, José Filipe Murteira, Manuel António do Rosário, Manuel Maria Barroso, Mário Beja Santos, Martinho Marques, Rui Marreiros, Santiago Macias | **Publicidade e assinaturas** Ana Neves, Dina Rato | **Departamento comercial** Edgar Gaspar **Paginação** Aurora Correia e Cláudia Serafim | **Projecto gráfico** Conversa Trocada, Design e Comunicação (conversatrocada@gmail.com) **Depósito Legal** Nº 29738/89 | **A publicação encontra-se anotada na ERC** | ISSN 1646-9232 | **Nº de Pessoa Colectiva** 509761 534 | **Tiragem semanal** 6000 Exemplares **Impressão** Empresa Gráfica Funchalense, SA – Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50 – 2715-311 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNAÇÃO

Quando chegar o dia dos abraços **Quando tudo isto passar, quando finalmente chegar o dia dos abraços, o que terá sobrado de nós, o que seremos nós, quem seremos nós? O mesmo que éramos não seremos com certeza, ninguém atravessa uma desgraça e volta igual, ninguém é sujeito a um tão grande sacrifício e retorna tal e qual como foi. Os caminhos difíceis ferem os pés, a angústia fere o ânimo, os mortos afligem os que têm medo de morrer. É nisto que temos andado, perdidos num tempo confuso, presos num labirinto, gritando uns com os outros, desconfiando uns dos outros, trepando uns por cima dos outros, como sempre os mais fortes a enganarem os mais fracos, à procura de uma saída, à procura de uma cura. E a saída não se acha e a cura é sempre uma coisa tão lenta, a salvação demora tanto tempo, e nós a caminharmos, uns já loucos, outros alienados, outros ainda lúcidos, a tropeçarmos nos mortos, cada dia mais mortos, às vezes são os nossos, só os nossos mortos nos fazem perceber as trevas. A nossa sorte são os lúcidos, infelizmente são cada vez menos, por favor não enlouqueçam todos, só a lucidez nos pode guiar através deste martírio, só a lucidez achará a porta e a cura. Quando chegássemos ao futuro, num processo de devir normal, seríamos sempre o resultado do que fomos, mas nestes tempos de provação, seremos só o resultado do que não conseguimos ser, seremos apenas a soma de muitas negações.**

QUADRO DE HONRA CONSTANTINO PIÇARRA MUSEU DA RURALIDADE, CONCELHO DE CASTRO VERDE

O Museu da Ruralidade, da Câmara de Castro Verde, é constituído por quatro núcleos museológicos. Em Entradas o enfoque vai para a agricultura cerealífera alentejana dos primeiros setenta anos do século XX, com os seus instrumentos de produção e transformação, incluindo uma debulhadora fixa. No Lombador apresenta-se o ciclo da lã, que vai da tosquia à confecção de mantas em tear manual. Em Almeirim recupera-se a memória da escola autoritária e profundamente ideológica do Estado Novo e em Aivados mostra-se a história de mais de quinhentos anos desta aldeia comunitária.

"É importante que as crianças percebam como viviam os seus antepassados"

Museu da Ruralidade publica três livros infantis

Os quatro núcleos museológicos que constituem o Museu da Ruralidade estão a comemorar os seus aniversários. Este ano, a data é assinalada através da publicação de três livros infantis – À Descoberta do Tesouro; Uma Viagem no Tempo; O Mistério da Casa da Tia Prudência –, com ilustrações de Joaquim Rosa e textos de Constantino Piçarra, coordenador do museu, com quem o "Diário do Alentejo" falou.

São estas três histórias infantis uma espécie de máquinas do tempo onde as crianças poderão, através delas, "visitar o passado" do país e da região?
Estas três histórias, cada uma delas ligada às temáticas de três dos quatro núcleos do Museu (Lombador, Almeirim e Aivados) têm como objectivo contribuir para uma melhor compreensão, por parte dos mais jovens, do passado que aí é retratado através das imagens e das peças expostas. Os livros podem, de facto, considerar-se "máquinas do tempo", na medida em que transportam a criança leitora para um outro tempo, para o tempo dos seus bisavós e avós, onde, de forma lúdica, terão mais facilidade em conhecer e compreender as suas raízes, no fundo as marcas identitárias do território em que nasceram e habitam.

Pretendem, então, estas obras levar as crianças a desvendar, de forma lúdica, as suas raízes?
Assim é, de facto. No tempo presente, onde parece haver uma ação concertada de apagamento da memória, estes livros assumem-se na contracorrente. É para nós importante que as crianças do Alentejo de hoje percebam como viviam os seus antepassados, como era o seu trabalho, como se relacionavam com a natureza, em que casas habitavam, que brincadeiras tinham, que tipo de escola frequentavam. Resgatar a memória, num registo lúdico, e propiciar a discussão em torno dela é, no fundo, a intenção destes três livros.

Existe a intenção de estes livros virem a ser explorados em contexto escolar?
O objectivo é distribuir os livros pelas crianças a frequentar os 1.º, 2.º e 3.º ciclos de ensino do concelho de Castro Verde, o que não invalida que os professores possam trabalhar estas histórias com os seus alunos, nomeadamente aquando da preparação de eventuais visitas de estudo aos núcleos museológicos de Lombador, Almeirim e Aivados. Pela parte do Museu, eles servirão para organizar um conjunto de atividades lúdicas para as crianças e jovens que nos visitem.

Representa a continuidade da celebração desta data uma forma de resiliência a estes tempos conturbados que vivemos?
A apresentação dos livros, com a presença da comunidade, estava programada para as datas de aniversário de cada um dos núcleos museológicos. A atual pandemia não permitiu, no entanto, a concretização desta nossa intenção. Assim, resolvemos fazê-lo pela Internet, o que representa, de facto, uma forma de resiliência face aos tempos muito difíceis que estamos a viver. **JOSÉ SERRANO**

D.R.

PEDRO DO CARMO QUER ABERTURA DOS POSTOS DE BARRANCOS E SERPA

O deputado socialista Pedro do Carmo defendeu, junto do ministro da Administração Interna, Eduardo Cabrita, a abertura "imediata" dos postos da GNR de Barrancos e de Serpa, cujas obras estão concluídas. "Oa esforço realizado para que fosse possível concretizar as duas obras será honrado com a sua imediata disponibilização aos militares em serviço", refere Pedro do Carmo, sublinhando "não ser importante a realização de cerimónias de inauguração" devido à pandemia. "A colocação destas infraestruturas ao serviço dos militares traduzir-se-á, de imediato, em ganhos nas condições de trabalho, na operacionalidade e na persecução da missão da GNR junto das populações", acrescenta.

VIDIGUEIRA ATRIBUI 55 MIL EUROS A ASSOCIAÇÕES

A Câmara de Vidigueira vai destinar este ano uma verba total de 55 mil euros para aplicar em subsídios ao movimento associativo do concelho. "A atribuição anual de um subsídio financeiro destinado a incentivar as atividades desenvolvidas regularmente insere-se no regulamento de apoio ao movimento associativo e é efetuada tendo em conta os planos anuais de atividade e orçamento apresentados pelas associações", explicou o município.

CASTRO ASSEGURA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS

A Câmara de Castro Verde passou a assegurar, desde hoje, o transporte entre várias localidades e a sede de concelho, após suspensão do circuito regular pela empresa Rodoviária do Alentejo. Este serviço assegurado a título gratuito, abrange o transporte entre a vila de Castro Verde e as localidades de Neves da Graça, A-do-Corvo, Lombador, Sete, Beringelinho, Santa Bárbara de Padrões, Namorados, Monte Cerro e Geraldos.

MOURA REATIVA FUNDO DE EMERGÊNCIA PARA EMPRESAS

A Câmara de Moura reativou o Fundo Municipal de Emergência Empresarial para apoiar negócios cuja atividade tenha sido gravemente afetada pela pandemia de covid-19. Com uma dotação de 25 mil euros, "reforçado pelo mesmo montante" nesta fase e com a "possibilidade de se proceder a novo reforço", o fundo pretende ser um "incentivo financeiro extraordinário para assegurar a fase de normalização da atividade das empresas" no contexto da pandemia. Os empresários terão direito a uma prestação equivalente a dois por cento do volume de negócios declarado em 2019, com um valor mínimo a atribuir de 100 euros.

PUB